

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LORENA DE OLIVEIRA SALGADO

**Manifestações e Interpretações de Comportamentos Agressivos na
Infância**

URUAÇU-GO
2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE URUAÇU
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LORENA DE OLIVEIRA SALGADO

**Manifestações e Interpretações de Comportamentos Agressivos na
Infância**

Trabalho Monográfico apresentado à Universidade Estadual de Goiás, Campus Uruaçu, 4º ano do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, como requisito avaliativo - trabalho de conclusão de curso, sob orientação da professora Mestra Cláudia Regina Vasconcelos Bertoso Leite.

URUAÇU-GO

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS- CAMPUS URUAÇU-GO

LORENA, de Oliveira Salgado.

Manifestações e Interpretação de comportamentos agressivos na infância.

Lorena de Oliveira Salgado – Uruaçu Goiás. 68 p.

Monografia — Licenciatura Plena em Pedagogia.

Universidade Estadual de Goiás (UEG), Uruaçu, GO, 2018.

Orientadora: Professora Mestre Cláudia Regina Vasconcelos Bertoso Leite.

1. Comportamentos Agressivos. 2. Infância. 3. Família. 4. Instituição de Educação Infantil.

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE URUAÇU

FOLHA DE APROVAÇÃO

MANIFESTAÇÕES E INTERPRETAÇÕES DE COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS
NA INFÂNCIA.

LORENA DE OLIVEIRA SALGADO

BANCA EXAMINADORA:

CLÁUDIA REGINA VASCONCELOS BERTOSO LEITE
Prof.^a Mestra - Orientadora da Monografia

MARCIA MENDES MARQUEZ DE OLIVEIRA
Prof.^a Arguidora-Membro da Banca

MARLENE CORREIA TALES
Prof.^a Arguidora-Membro da Banca

URUAÇU-GO
DEZ./2018

Dedico este trabalho primeiramente aos meus pais (Aparecida e Waldir), que desde pequena me incentivaram a trilhar pelos caminhos da educação, para a obtenção de um futuro melhor. Para todos meus professores da Educação Infantil ao ensino superior, principalmente para minhas professoras do ensino médio Maria Ivone, Maria Aparecida e claro minha orientadora Cláudia Bertoso, que sempre me proporcionou estímulo e confiança para prosseguir nessa jornada.

Agradeço primeiramente a Deus por sempre guiar meus passos nessa jornada, dispensando força e bom ânimo para nunca desistir.

Aos meus pais que sempre foram meu espelho, meu exemplo e minha base como pessoa. Sem vocês hoje não estaria realizando esse sonho. NOSSO SONHO.

Minha orientadora Cláudia Bertoso, pelo incentivo, paciência e carinho.

Minha colega, amiga e quase mãe Adriana Kanae, juntamente com seu marido e seus dois filhos, por me receberem em sua casa com tamanha humildade, amizade e carisma. Também não podia deixar de falar sobre seu apoio e incentivo, aquele de mãe que não nos deixa desistir por mais difícil que seja a luta.

Minha grande amiga e companheira de batalha, Bruna karolyne. Quem diria, duas pessoas totalmente diferentes agora inseparáveis. Sabe aquele ditado popular? aquele que diz que os opostos se atraem, pois então, acho que ele também se aplica em amizades, dessas como a nossa, meio doida, mas verdadeira.

Meus tios Neuza e Sebastião Ribeiro que me receberam em sua casa por quase um ano e sempre me trataram como uma segunda filha.

Aos meus amigos Núbia Moraes, Vanessa Neves, Vitória Borges, Marcos Gomes, Bruno Coelho, Fyllype Gabriel e Fernanda Nunes, que sempre me apoiaram, consolaram e suportaram nos momentos de angústias e estresses durante esses anos.

Ao CMEI Marisa Costa Vilefort, às gestoras (Euzania e Rosalina) e todo corpo docente que proporcionaram uma calorosa recepção e principalmente uma rica aprendizagem.

Felizes aqueles cujos pés estão bem plantados na terra, mas que, mesmo assim, conservam a capacidade de desfrutar intensas sensações, nem que seja apenas em sonhos que são sonhados ou recordados (WINNICOTT, 2004 p.77).

RESUMO

Essa pesquisa sobre manifestações e interpretações de comportamentos agressivos na infância teve como problemática os comportamentos agressivos que acontecem durante a infância e em ambientes como a família e a Instituição de Educação Infantil, para isto, a pesquisa tem como objetivo compreender e interpretar os conceitos e origens de tais comportamentos, a relevância da participação da família e da Instituição de Educação Infantil no desenvolvimento da criança pequena, assim como a integração entre ambas. Para alcançar esse objetivo utilizou-se como metodologia de pesquisa qualitativa, a pesquisa bibliográfica e a pesquisa campo. A pesquisa bibliográfica contou com autores da psicanálise e da educação, tais como Winnicott (2008), sendo complementado pela visão dos autores Gagliotto, Berté e Vale (2005), Vilhena (2002), Rodrigues (2005), Tremblay (2010), Schultz (2005) Dias e Conceição (2012/2013) e os documentos que regulamentam a educação: Brasil (2013), Brasil (1996) e Brasil (1998). A pesquisa de campo utilizou-se da coleta e análise de dados de um caso específico. O principal instrumento de coleta de dados foi a entrevista, e, secundariamente os registros da observação de estágio. Ao final, a pesquisa aponta que a infância é uma fase, complexa e que requer da família e da Instituição de Educação Infantil uma visão clara dos comportamentos instintivos da criança, para então serem mediadores entre a criança e sua sequência de maturação emocional, auxiliando o bebê e a criança pequena em sua necessidade por apoio, afeto e limites.

Palavras chaves: Comportamentos Agressivos. Infância. Família. Instituição de Educação Infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. AGRESSIVIDADE NA PEQUENA INFÂNCIA: UMA REVISÃO EM WINNICOTT.....	13
1.1 Agressividade: pré-conceitos e conceitos	13
1.2 O que é caracterizado como agressividade na Instituição Infantil.....	18
1.3 Comportamentos agressivos do bebê e da criança pequena.....	20
1.4 Aspectos/fenômenos transicionais do bebê.....	25
1.5 Figura Paterna	28
1.6 Instituição de Educação Infantil e os profissionais na integração da criança-bebê.....	29
1.7 Complementariedade/integração: família e instituição.....	34
2. METODOLOGIA.....	40
2.1 Tipo de pesquisa: A pesquisa qualitativa.....	40
2.1.1 Pesquisas bibliográfica.....	41
2.1.2 Pesquisas campo.....	43
2.2 Categoria e Instrumentos de pesquisa.....	44
2.2.1 Estudo de caso.....	44
2.2.1.1 Entrevista.....	45
2.2.1.2 Observação.....	47
3. AGRESSIVIDADE NA PEQUENA INFÂNCIA: UM ESTUDO DE CASO.....	48
3.1 Descrição da criança Ezel em diferentes contextos e perspectivas.....	48
3.2 Análise e inferência entre a pesquisa campo e a teoria winnicottiana.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS	61
APÊNDICE.....	63
ANEXO.....	69

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CMEI/CMEIs- Centro Municipal de Educação Infantil

BNCC: Base Nacional Comum Curricular

DCNE- Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

LBA- Legião Brasileira de Assistência

LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

p.- página

PNE- Plano Nacional de Educação

S.O.S- "*Save Our Souls*" ou salvem nosso navio (código universal de socorro)

INTRODUÇÃO

Este trabalho com o título *Manifestações e Interpretações de Comportamentos Agressivos na Infância*, teve o interesse despertado a partir dos primeiros dias no estágio supervisionado em Educação Infantil, em que foram observadas as constantes reclamações e dúvidas dos profissionais e também dos pais sobre as manifestações de comportamentos agressivos em bebês e crianças pequenas.

No primeiro momento foi levantada a hipótese de que as manifestações de agressividade são normais na infância, que fosse apenas uma maneira da criança em desenvolvimento expulsar sua raiva e ansiedade, desta maneira suponha-se que a família, deveria dar um bom suporte e auxílio, para a criança pequena, passar nesse processo. Durante a pesquisa supôs-se também que as manifestações de agressividade anormais sejam reflexos da falta de uma base do desenvolvimento do bebê nos primeiros dias de vida. Como também um ambiente inadequado ou insuficiente para atender as necessidades emocionais e biológicas da criança.

Diante disso objetivou-se pela compreensão dessas manifestações agressivas, seus conceitos e origens, e a importância da família e dos profissionais da Educação Infantil diante a tais manifestações. Para alcançar esses objetivos recorreu-se à pesquisa bibliográfica, tendo como principal referencial o teórico Donald Winnicott (2008), sendo complementado pela visão dos autores, Gagliotto, Berté e Vale (2005), Vilhena (2002), Rodrigues (2005), Tremblay (2010), Schultz (2005) Dias e Conceição (2012/2013) e os documentos que regulamentam a educação: Brasil (2013) Brasil (1996), Brasil (1998).

Além da pesquisa bibliográfica não posterior a ela, mas concomitante, realizou-se a pesquisa campo que contou com um estudo de caso realizado por meio dos instrumentos de coleta de dados: observação e entrevistas, em que as perguntas foram construídas através da leitura do livro *A criança e seu mundo* do psicanalista Winnicott (2008). Essas perguntas foram direcionadas para os profissionais da educação infantil e à família de uma criança específica que apresentava significativo comportamento agressivo no agrupamento do berçário por ocasião da realização do estágio supervisionado em 2017.

No primeiro capítulo, esta pesquisa tem como intuito esclarecer, sobre os conceitos envolvidos por trás das manifestações de agressividade, bem como as

mudanças dessas manifestações em ambientes diversos, e o esclarecimento dos aspectos e fenômenos perpassados na fase de transição entre dependência e independência. As diferentes concepções de agressividade entre a família e as instituições educacionais, assim como o valor que a complementariedade (instituição/família) exerce sobre o desenvolvimento infantil e a integração criança bebê, realizada pelos profissionais da educação infantil.

O segundo capítulo abrange os processos metodológicos utilizados na construção do presente trabalho, dentre eles a pesquisa bibliográfica e a pesquisa campo, efetuada a partir de um estudo de caso e de entrevistas.

No terceiro capítulo encontra-se o estudo de caso de uma criança, com comportamentos agressivos em diversas perspectivas, assim como uma descrição, uma análise e uma inferência entre as concepções teóricas e práticas sobre os comportamentos de agressividade infantis.

O presente estudo sobre as manifestações de comportamentos agressivos na pequena infância ao final, apresenta diferentes inferências, entre a relevância da família e da instituição de educação infantil, diante dos comportamentos infantis por seu caráter singular e pessoal.

1. AGRESSIVIDADE NA PEQUENA INFÂNCIA: UMA REVISÃO ENTRE AUTORES DA PSICANÁLISE E DA EDUCAÇÃO

Neste capítulo será abordado o conceito de agressividade, procurando definir o contexto de sua manifestação referente à criança pequena, tendo como foco a relação dela com a instituição e a relação entre a criança/professor, criança/família e instituição/família.

Caracterizar a agressividade da criança institucionalizada, perpassa pela definição dos aspectos e fenômenos que definem o bebê e a criança pequena, seus aspectos emocionais, relacionais, de socialização. Outro ponto importante está em discutir como a instituição de educação infantil e os profissionais realizam a integração da criança bebê ao novo meio social que ela frequenta.

Toda essa discussão é importante para entender como a criança manifesta comportamentos agressivos, tendo a intenção de definir como a instituição e seus profissionais podem trabalhar com as crianças que manifestam tal comportamento. Toda essa discussão futuramente será analisada por meio de um estudo de caso, o que poderá levar o leitor a desenvolver suas conclusões de como atuar frente a tais comportamentos que são frequentes nas instituições.

1.1 Agressividade: pré-conceitos e conceitos

Ao perguntar algumas pessoas o que elas entendem por agressividade ou manifestações agressivas, as respostas mais utilizadas seriam as que se utilizam, diariamente, pela família, amigos e principalmente na mídia, em que tudo é converso em agressões físicas (assassinatos, brigas, vandalismo e etc.). Todavia a agressividade não pode ser rotulada apenas como física e intencional, existem inúmeros conceitos e teorias a partir desta palavra, que serão discutidos com base na visão de Winnicott (2008), Gagliotto; Berté; Vale (2005), Tremblay (2010), Vilhena (2002) e Rodrigues (2005) com o intuito de desmistificar conceitos generalizados em torno da agressividade.

A teoria psicanalista Winnicottiana (2008) sugere que os comportamentos agressivos podem ser reais ou imaginários, podendo ser caracterizados como uma descarga de energia natural e inata pertencente a todo ser humano. Há então dentro de cada pessoa manifestações e instintos. Cada indivíduo determina seu modo de lidar com elas, seja escondendo, expressando ou tentando domina-la, entretanto não se pode negar sua existência. Como salienta Winnicott (2008), em as raízes da agressividade:

Por vezes, a agressão mostra-se claramente e consome-se e precisa de alguém para enfrenta-la e fazer algo que impeça os danos que ela poderia causar. Outras vezes a agressão não se mostra abertamente, aparecendo os seus impulsos sob forma de um determinado tipo oposto (WINNICOTT, 2018, p.262).

Esse alguém citado pelo autor na maioria das vezes refere-se à pessoa do ambiente familiar ou da instituição de educação infantil como é o caso daquelas que frequentam instituições educacionais desde a primeira infância. Assim como, uma criança muito agitada desperta preocupação. As crianças introspectivas também devem ser observadas, talvez com mais solicitude. São características opostas que podem representar o mesmo problema.

Por conseqüente uma pessoa não nasce dita agressiva, a agressividade é um instinto que pode ser despertado diante de situações de raiva, frustrações e excitações. Isto demonstra que as manifestações não surgem do nada, na verdade para serem explicitadas necessitam de uma situação geradora, como explica Winnicott em seu livro quando discute sobre as raízes da agressividade (2008 p.262) “Em poucas palavras, a agressão tem dois significados. Por um lado, constitui direta ou indiretamente uma reação às frustrações, por outro lado, é uma das muitas fontes de energia do indivíduo.” A situação geradora neste caso pode ser uma frustração, um descontentamento provocado quase sempre pelo outro.

O autor também explica que as manifestações agressivas intencionais ou atos agressivos, decorrem-se de uma base familiar fraca ou insuficiente nos primeiros dias de vida, em que o lar¹ não suportou os testes e sobressaltos de excitações, provocados pela criança na sua busca por limites, que só um lar forte e um pai rigoroso poderia lhe satisfazer, partindo para outras etapas de um segmento saudável como

¹ Segundo Winnicott (2008) “lar” significa muito mais do que simplesmente uma casa.

fundamenta Winnicott (2008, p.258) “só quando a figura paterna, severa e forte, está em evidencia é que a criança recupera seus primitivos impulsos amorosos, seu sentimento de culpa e seu desejo de corrigir-se”. Se a criança não perpassa por essas fases não consegue ter um significado verdadeiro da realidade a não ser pela violência (WINNICOTT, 2008).

Há também segundo Winnicott (2008) casos em que a pessoa se sente vazia, pela perda de algo ou alguém próximo. Isso proporciona tristeza, angústia e medo do vazio e da agressividade que desperta. Esse indivíduo precisa de novas influências para não deixar esse sentimento de vazio despertar problemas maiores, como por exemplo uma depressão ou a predisposição à delinqüência. Na verdade, quando a criança demonstra atos de delinqüência significa que ela ainda se mantém com esperança de encontrar a estabilidade de que precisa, para sentir-se segura. As manifestações de delinqüência nada mais são do que um pedido de socorro (S.O.S), que a criança emite em busca de alguém forte, confiável e carinhoso, que coloque limites (WINNICOTT, 2008). Logo as pessoas e principalmente jovens delinquentes são considerados doentes, pois não perpassaram pela sequência natural do desenvolvimento infantil:

[...] até certo ponto, jovens doentes, e a palavra doença torna-se apropriada através do fato de que, em muitos casos, o sentimento de segurança não chegou à vida da criança suficientemente cedo para ser incorporado às suas convicções e crenças. [...] a criança anti-social poderá parecer estar em perfeitas condições; mas deem-lhe liberdade e em breve ela sentirá a ameaça de loucura. Assim, ela ofende a sociedade (sem saber o que está fazendo) a fim de reestabelecer o controle proveniente de fora (WINNICOTT, 2008, p. 259).

Esse sentido, é como uma criança que não foi vacinada contra uma doença e acabou por ficar exposta e desprotegida podendo ser contagiada. Winnicott (2008) alerta que essa teoria não se aplica em todos os casos de delinqüência, já que existem casos de doenças mentais.

Já Tremblay (2008), procura mostrar que as manifestações não afetam apenas a conduta em sociedade, mas a pessoa com manifestações e também as pessoas ao seu redor. Deixando de ser apenas questões físicas e éticas e partindo para o psicológico:

Agressões, como chutar, lutar e morder, são uma preocupação importante para as sociedades modernas, uma vez que as

consequências físicas, emocionais, cognitivas e sociais de atos violentos são graves, de largo alcance e de longo prazo (TREMBLAY, 2008, p. 5).

Há dentro de cada ser humano uma constante batalha, contra os desejos e as manifestações do mesmo. Dentro de uma sociedade existem regras o que impede e faz com que o homem internalize suas vontades. A agressividade é uma das particularidades humanas que “é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos e quando se manifesta é sempre tarefa difícil identificar suas origens” (WINNICOTT, 1987, p.89 apud VILHENA, 2002, p.31). As manifestações ao serem escondidas como sugere o autor, são internalizadas e usadas contra si mesmo. Os impulsos agressivos também podem ser uma forma de proteção do ser humano contra os outros e a si mesmo.

Para a psicanálise freudiana a agressividade faz parte do instinto de todas as espécies, prova disso são os animais que quando ameaçados se comportam de forma agressiva como um meio de defesa ou de sobrevivência. No ser humano a agressividade é desencadeada, também de maneira positiva e necessária ao seu desenvolvimento, pois é ela quem dá o impulso para a busca da realização de desejos (GAGLIOTTO; BERTÉ; VALE, 2005, p.145).

Contra o que a maioria das pessoas entendem por agressividade, na psicanálise de Freud, a agressividade é observada como uma maneira de alcançar um objetivo ou uma satisfação. Prova disso é o bebê que sente prazer em movimentar-se bruscamente para a obtenção de prazer muscular (WINNICOTT, 2008).

Paralelamente a esse pensamento de Freud, Winnicott discute a respeito do inconsciente humano e a dificuldade da aceitação do mesmo:

[...] uma vez que aceitamos o inconsciente, estaremos num rumo que, mais cedo ou mais tarde, nos leva a algo muito doloroso – o reconhecimento de que, por muito que tentamos encarar o mal, a bestialidade e as más influências como algo fora de nós próprios, ou que nos é inculcado de fora, no fim verificamos que, seja o que for que as pessoas façam ou que influências atuem sobre elas, tudo se encontra na própria natureza humana, fato, em nós próprios (WINNICOTT, 2008, p.225).

Desse modo a teoria Freudiana e a Winnicottiana afirmam que os instintos e o desejo são inatos à todo ser humano, o reconhecimento e a admissão dessa verdade já é um começo para o conhecimento de si, partindo para uma interação com outro. O autor citado acima afirma que a influência externa que mais tem força é

aquela que encontra terreno fértil para isso, ou seja, já encontra uma predisposição. Naturalmente não se pode negar que o meio também interfere e influencia na conduta humana, já que no princípio o lar é a primeira influência vivenciada pela criança. Se esse princípio inicial do desenvolvimento não alcançar o seu objetivo, outras influências podem surgir e interferir em alguns aspectos comportamentais e emocionais, provocando confusões. Quando, segundo a teoria winnicottiana (2008) não há um bom começo, um ambiente prejudicial pode interferir, principalmente em relação aos conflitos existentes dentro de todo indivíduo.

Quando as manifestações de agressividade se tornam mais intensas e preocupantes diante da sociedade, pondo em risco a vida de outras pessoas, podemos agora caracteriza-la como agressão destrutiva ou violência que é a mais conhecida e citada, sendo muitas vezes confundida com a manifestações de agressividade, Santos (2002):

A etimologia da palavra agressão é *ad gradior*=mover-se adiante assim como regressão indica o movimento para trás. A violência (*vis, bia, hybris, dynamis*) é a agressão destrutiva que busca aniquilar, desintegrar. Nem toda agressividade é violência, mas toda violência é, sim, agressividade (SANTOS, 2002 apud RODRIGUES, 2005, p.13).

Quando o homem deixa suas manifestações e desejos fluírem sem algum controle, ou já não consegue controla-los, essas manifestações passam a ser caracterizados como atos de violência e não mais como comportamentos de agressividade. Por isso uma pessoa não pode ser caracterizada como "pessoa agressiva" é sim que se trata de uma pessoa com comportamentos agressivos ou impulsivos. O ser humano não tem manifestações agressivas em todo momento, a não ser em casos de distúrbios mentais, os quais diagnosticados.

Como foi observado há diversas hipóteses que levam a um comportamento agressivo, por isso os autores principalmente Winnicott admitem que para chegar a uma conclusão é preciso analisar o indivíduo e toda sua trajetória de vida, sobretudo sua fase inicial do desenvolvimento infantil realizado no ambiente familiar.

1.2 O que é caracterizado como agressividade na Instituição Infantil

As considerações sobre a agressividade na instituição infantil, serão analisadas neste tópico com base na teoria psicanalista Winnicottiana (2008) em que busca compreender como a agressividade é definida e trabalhada pelos profissionais da Educação Infantil em conjunto com o ambiente familiar da criança pequena.

Como exemplo de Instituição de Educação Infantil pode-se referenciar aos CMEIs, que são instituições públicas municipais que atendem a Educação Infantil nas etapas creche e pré-escola, atualmente atende crianças de zero a cinco anos de idade e têm como função, dar seguimento ao trabalho que a família iniciou a partir dos primeiros dias de vida do bebê. A professora dessa instituição passa a assumir essa responsabilidade, como relata Winnicott (2008) ao estudar o papel da professora na escola maternal:

Partindo do princípio de que a escola maternal suplementa e prolonga em certas direções a função do bom lar, a professora que exerce funções nessa escola herda, naturalmente, alguns dos atributos e deveres da mãe para o período escolar, sem procurar descobrir, porém, as suas próprias necessidades de desenvolver vínculos emocionais maternos. O seu dever é, antes, manter, fortalecer e enriquecer as relações pessoais da criança com a própria família, apresentando simultaneamente um mundo mais vasto de pessoas e oportunidades (WINNICOTT, 2008, p.220).

A professora, neste contexto, se torna responsável também pela relação entre a criança e seus pais, quando os pais e professores tem uma boa relação a professora pode auxiliá-los a compreender e suportar problemas normais nessa etapa.

Enquanto a criança pequena está percorrendo o caminho de seu desenvolvimento, “cria problemas “normais” que se manifestam frequentemente na conduta da criança na escola maternal” (WINNICOTT, 2008, p. 223). Por mais normal, que esses problemas podem ser, não significa que a criança pequena consegue sozinha encontrar uma forma de solucionar-los. É neste momento que a professora entra em ação para que não haja declínio neste processo. Já que no período da escola maternal, conforme situa Winnicott (2008) as crianças são vítimas de suas próprias emoções e agressões:

[...] a professora deve, por vezes, proteger as crianças delas próprias e exercer o controle e orientação necessários na situação imediata; e,

além disso, assegurar o fornecimento de atividades lúdicas satisfatórias para ajudar a criança a guiar sua própria agressividade para canais construtivos e para adquirir habilidades eficazes (WINNICOTT, 2008, p. 223).

A educação maternal, envolve grandes exigências sobre a professora, como explica Winnicott (2008), a profissional da Educação Infantil deve estar apta a controlar e trabalhar os comportamentos impulsivos e instintivos. Comportamentos estes que são vistos como normais para psicólogos, psicanalistas, médicos e professores, contudo são ações inaceitáveis em seu meio social e cultural.

Pode se dizer que é nas instituições educacionais que as manifestações são observadas e analisadas de maneira mais específica, isto não quer dizer que todas ou todos (professores) se empenham nessa investigação, visto que a professora ao contrário de um médico não consegue por muitas vezes estudar cada criança individualmente.

Os professores têm em sua formação alguns conteúdos de psicologia e psicanálise que podem ser de grande relevância na verificação dos comportamentos infantis, isto não significa que o professor seja o profissional ideal para casos de perturbações incomuns dentro do desenvolvimento. Nestes casos Winnicott (2008) sugere que a criança talvez necessite de uma intervenção médica ou psicológica.

Assim Winnicott (2008, p.224) deixa claro que “ a professora precisa possuir conhecimentos bastantes para orientá-la no sentido do tratamento mais apropriado, quer na escola maternal, quer então recorrendo a um especialista”. Ao mencionar uma forma de conhecimento dito como bastante o autor em sua singularidade refere-se a uma habilidade e competência, necessária a todo professor da escola maternal.

Observa-se que o autor, considera a agressividade na instituição infantil como um processo, quase sempre natural que toda criança percorre durante seu progresso de amadurecimento afetivo e que o professor deve, procurar estar alerta e ao mesmo tempo ciente dos conflitos sofridos nesse estágio. O professor também pode sugerir um acompanhamento por profissionais específicos, caso intensifique as observações, já que no cotidiano da instituição a criança pode manifestar seus comportamentos de forma mais intensa.

1.3 Comportamentos agressivos do bebê e da criança pequena

O bebê e a criança pequena, transitam por um período de desenvolvimento, nos primeiros meses de vida. Durante esse período o pequeno sofre constantes sobressaltos emocionais, que podem suscitar manifestações agressivas decorrente dos desejos e instintos, que serão explorados nesse tópico a partir dos estudos de Winnicott (2008), Tremblay (2010) e Schultz (2005)

O princípio do desenvolvimento saudável e natural do recém-nascido, dependerá do vínculo entre mãe-bebê, a partir dos primeiros dias de vida, quando ele está na fase de reconhece-la. A mãe é responsável e também considerada por Winnicott como a pessoa mais apta para a tarefa de auxiliar no desenvolvimento do pequeno, já que ela mais que ninguém conhece seu bebê, como também é responsável por apresentar o bebê ao mundo e vice-versa.

A presença da mãe é algo de muita importância para o pequeno, assim como a ausência dela. Há, todavia, casos de bebês insatisfeitos, e mães desejando ter seu alimento aceito, o que ocasiona um sentimento de frustração em ambos os lados (WINNICOTT, 2008). Isso indica uma falha no início da maternagem, que tem consequência em ambos os lados.

Quando essa maternagem não é suficientemente eficaz o bebê é tomado por sentimentos de frustrações, o que pode prejudicar seu desenvolvimento afetivo e mental e não pode ser compensado ou reestruturado. Como afirma Winnicott (2008, p.211) ao deixar claro que os médicos entendem os aspectos físicos que circundam a vida de um bebê, contudo não pode prognosticar a relação entre mãe e o pequeno que está acima de normas e regras médicas. O psicanalista admite que muitos problemas são causados por interferências de especialista de diferentes áreas, justamente quando a mãe está em fase de adaptação e integração com o bebê.

A criança necessita da presença da mãe, não somente para manter suas indispensáveis necessidades fisiológicas, entretanto a genitora/cuidadora deve estar ciente da sua importância quanto as singularidades afetivas e cognitivas. Ao tratar-se de afetividade não se pode relacionar apenas com as boas coisas, mas também com as manifestações, como por exemplo, de agressividade que começam a ser evidenciadas:

O bebê fica excitado, com impulsos agressivos ou ideias agressivas ou destrutivas, que ele revela por gritos ou desejo de morder, e imediatamente o mundo parece ficar cheio de bocas que mordem, dentes e mandíbulas hostis e toda espécie de ameaças. Dessa maneira, o mundo do bebê seria um lugar aterrador, não fosse o papel protetor da mãe que esconde esses enormes medos pertencentes as primeiras experiências da vida do bebê (WINNICOTT, 2008, p.106).

Essas manifestações descritas por Winnicott (2008) causam no bebê novas experiências e junto com elas novos temores, que perturbam o bebê. Cabe à mãe nesse momento exercer seu papel de protetora, para acalmar e demonstrar ao pequeno que ele tem alguém em quem possa confiar nesse momento. Esse alguém tem em si uma grande responsabilidade, como já foi discutido por diversas vezes, sobre a importância da mãe ou pessoa responsável pela maternagem da criança pequena.

Quantas crianças ainda repetem certas ações, para chamar a atenção dos pais, segundo Winnicott (2008, p.106) quantas crianças voltam à infância, repetindo suas ações para encontrar ou corrigir algo que ainda estava faltando anteriormente, nada mais é do que a falta de atenção que os pais tiveram, para com a criança no momento em que ela estava em fase de novas experiências.

Para compreendermos de forma mais profunda como a relação entre o bebê e mãe é importante para o desenvolvimento saudável da criança, passa-se a falar sobre esse vínculo. Nesse mesmo tempo, pode-se observar os problemas que podem decorrer quando esse vínculo não é realizado de forma linear ou sem rupturas.

Uma boa mãe, sabe que por meio de seu afeto pode estruturar e ajudar a construir a base moral e ética da criança, por intermédio de seu amor de mãe, ensina seu filho dando-lhe significado a suas novas experiências. Sabe-se também que seu filho sofre constantes estímulos inatos de excitações e emoções, que demonstram quando sente fome, dor, raiva ou medo.

Essas excitações são inatas, o bebê dentro da barriga da mãe já demonstra suas manifestações por meio de movimentos bruscos como por exemplo o chute na barriga, contudo segundo Winnicott (2008) esses movimentos não podem ser levados em conta como manifestações de agressividade, já que o bebê ou recém-nascido está apenas fazendo uso de suas tendências de movimentação para obter, prazer muscular ao encontrar algum obstáculo, como por exemplo a barriga da mãe.

Através desses impulsos o bebê nos seus primeiros dias de vida, conhece o seu corpo e suas funções por meio da movimentação dos membros inferiores,

superiores e da boca inicialmente como o local em que ele mais tem excitação, sendo também um dos primeiros meios que interligam a bebê ao outro, como explicita Winnicott (2008, p.226) “esse tipo de relação tem suas raízes nos primeiros dias da vida do indivíduo, quando um dos principais contatos com o outro ser humano foi na hora da alimentação.”

No caso do bebê recém-nascido a amamentação no seio materno, aparentemente é um ato simples e normal de uma maternagem, porém com esse ato a mãe está colocando em prática seu amor, para a construção de um ser humano saudável. Já para a criança a amamentação, tem uma percepção um tanto quanto fantasiosa e aparentemente uma manifestação cruel em que o bebê imagina que está devorando o seio da mãe, para retirar o melhor que ele pode lhe proporcionar, a princípio pode parecer assustador, mas o bebê está apenas satisfazendo sua fome.

A mãe suficientemente boa² saberá que isto nada mais é do que uma ilusão, normal para o bebê, neste caso não verá o ato como algo agressivo e perigoso. Essa mãe por sua vez, estando sempre presente acompanhado e suportando esses ataques poderá observar o crescimento e a evolução dessa fantasia (WINNICOTT, 2008, p.122).

Em algumas circunstâncias a mãe pode observar seu filho, brincando calmamente e minutos depois perceber que ele fica agitado e muda seu comportamento. Isto acontece, pois trata-se dos impulsos instintivos da criança, que quando está em um ambiente seguro, sente-se segurança e confiança para deixar esses impulsos fluírem, segundo Winnicott (2008, p.112) “a raiva significa que a criança foi a ponto de acreditar em algo e em alguém para aborrecer”.

Uma criança normal nesse período ainda não tem domínio sobre seus instintos, sobre suas ações, como afirma Winnicott (2008, p.114) ao dizer que as crianças pequenas não sabem distinguir o certo do errado, mesmo que elas tentem ser crianças obedientes não conseguiriam, pois, os instintos podem aparecer e estragar tudo. Isso acaba por perturbá-lo, mas não o torna uma criança doente pelo contrário, demonstra que ele está seguindo seu desenvolvimento em marcha. Ao perpassarem de maneira natural e saudável todas as fases, com auxílio de uma boa maternagem e um bom professor a criança pequena não terá problemas em seu

² Juízo de valor que Winnicott utiliza, para se referir há uma mãe que tem conhecimentos sobre as necessidades de seu filho.

futuro, como evidencia Tremblay (2010) ao citar os baixos índices de agressões e violência na adolescência:

[...] estudos longitudinais até a adolescência mostram que a educação infantil é um período sensível para aprender a controlar a agressividade física. De fato, a minoria de crianças na escola primária que continuam exibindo altos níveis de agressividade física (5% a 10%) continua correndo grande risco de envolvimento em comportamentos fisicamente violentos durante a adolescência (TREMBLAY, 2010, p.09).

Para que a criança pequena não entre nessa mínima estatística o bebê tem que ter um segmento em sua fase do desenvolvimento, segundo Winnicott (2008, p.123) “[...] uma sequência natural de amor implacável, ataque agressivo, sentimento de culpa, senso de preocupação, tristeza, desejo de corrigir ou de concertar, construir e dar; “. Essa sequência só poderá acontecer de maneira natural se a criança tiver a presença da mãe em todas essas fases. Observa-se que nessa sequência descrita pelo autor há um padrão, que começa com sentimentos fortes, impulsivos e egocêntricos, partindo para um senso de preocupação com o outro e seus sentimentos.

O choro é outra forma do pequeno manifestar seus sentimentos de raiva, como sugere Winnicott (2008, p. 68) por mais que a mãe se esforce, não há como impedir que o bebê sofra algumas frustrações, que levarão ao choro furioso. Esse choro pode também significar que ele confia em sua genitora ao ponto de que ela possa ajudá-lo. O bebê que chora segundo a teoria winnicottiana é autêntico, sabe o que quer e como conseguir, após alguns meses percebe que suas manifestações podem magoar os outros. Isto nada mais é que a demonstração do desenvolvimento da criança pequena. A agressividade na infância é também uma maneira da criança testar as pessoas que estão ao seu redor, segundo Winnicott (2008, p.256-257) em aspectos da delinquência juvenil:

Uma criança normal, se tem confiança no pai e na mãe, provoca constantes sobressaltos. No decorrer do tempo, procura exercer o seu poder de desunião, de destruição, tenta amedrontar, cansar, desperdiçar, seduzir e apropriar-se das coisas. Tudo o que leva as pessoas aos tribunais (ou aos hospícios, tanto importa para o caso) tem em seu equivalente normal na infância, na relação entre a criança e o seu próprio lar (WINNICOTT, 2008, p. 256-257).

Por isso, as manifestações de fúria do bebê devem ser enfrentadas pelos pais como algo normal, tentando manter a calma e transmitindo-a ao seu filho. Os pais normais não almejam ser amados ou idolatrados pelos filhos, na verdade suporta a transição entre sentimentos de amor e ódio da criança até que eles possam perceber que seus pais são pessoas normais (WINNICOTT, 2008). Quando Winnicott expõe a importância do suportar, ele está referindo se ao termo como um suporte que os pais devem conceder aos filhos e não uma aceitação absoluta das ações.

Os pais devem ser o apoio nos momentos conflituosos, demonstrando para criança que o lar pode lhe proporcionar total paz e segurança, porém se o lar não suporta seus testes, o bebê poderá direcionar algumas manifestações contra seu próprio corpo. Isso pode estar indicando sinais que a criança pequena não confia em sua cuidadora/mãe, segundo Winnicott (2008 p. 68-69) o bebê quando perde a crença em sua mãe não tem sentimentos de raiva, deixa apenas de querer, o choro torna-se lamentoso ou então começa a bater com a cabeça no chão ou nas paredes ou então começa a explorar as partes de seu corpo. A criança que não sente confiança no seu lar segundo Winnicott (2008, p.257) “procura fora de casa as quatro paredes que lhe faltaram; tem ainda esperança e busca nos avós, tios e tias, amigos da família e na escola o que lhe falta”. O apoio para a criança é algo fundamental para sua maturação, quando ela não o encontra em seu lar, procura desesperadamente por alguém que possa lhe proporcionar esse suporte.

Todos os bebês necessitam passar por essas manifestações, pois isso ajuda o pequeno a compreender que algumas coisas não são como ele vê, ou seja, ele pode começar a entender que há uma diferença entre o real e o imaginário. O fato de a criança ainda não saber controlar suas manifestações é dito normal, pois, ela ainda está na sua fase inicial do desenvolvimento. Contudo segundo Winnicott (2008, p.82) “muitas coisas dependem da maneira como o mundo é apresentado a uma criança, quando bebê e quando já em franco desenvolvimento”.

Claro não se pode deixar de evidenciar que no período da infância os pequenos estão aprendendo com a prática, vivenciada por tudo que está ao seu alcance, representando comportamentos que muitas vezes ela mesma não compreende. Os modelos aumentaram e estão no alcance da vista das crianças, por meio das tecnologias (televisão e internet) e das relações sociais (família e escola).

Todos esses modelos são internalizados pela criança e logo depois imitado. Por isso a criança pequena necessita da orientação dos pais e professoras para que

aos poucos compreenda o mundo em que está sendo inserida. Winnicott (2008) alega que a criança, quando não completa suas fases do desenvolvimento, pela falta de uma boa maternagem ou a total ausência, a criança ainda tem como recurso a psicoterapia³ pessoal, que é realizada por profissionais com a intenção de completar o desenvolvimento emocional da criança.

1.4 Aspectos e fenômenos transicionais do bebê

Durante a fase de desenvolvimento o bebê perpassa por uma transição entre o mundo imaginário (seu mundo) e o mundo real, o que Winnicott (2005, p.19) chama de fenômenos transicionais e afirma que eles “parecem constituir a base de toda a vida cultural do ser humano adulto”. Inicialmente isso ocorre com a separação da mãe, sendo o primeiro passo para uma possível independência. Por consequência essa separação, entre a mãe e o bebê desperta nele um sentimento de abandono e solidão, para amenizar esses sentimentos o bebê procura possuir algum objeto, que chamamos de objeto transicional. Esse objeto segundo Winnicott (2005 p.56) pode ser:

[...] um cobertor, uma fralda, o cachecol da mãe, uma boneca de pano ou qualquer outra coisa, adquiriu sua importância pouco antes ou pouco depois do primeiro aniversário do bebê, sendo usado sobretudo nos momentos de transição, como a hora de dormir. O objeto é inestimavelmente importante; recebe um tratamento abominável; chega mesmo a cheirar mal. É uma sorte que a criança faça uso desse objeto e não da própria mãe ou de certas partes do corpo desta, como os cabelos ou o lóbulo da orelha (WINNICOTT, 2005, p.56).

Este objeto interliga os dois mundos que o pequeno está aprendendo a conciliar além de possibilitar a representação do mundo externo, como será discutido por Winnicott (2008) e (2005), Schultz (2004), Dias e Conceição (2012/2013) e o documento Brasil (2013), para uma melhor compreensão da transição objetais do bebê e da criança pequena e como esse objeto auxilia a amenizar as frustrações causadas por essa transição.

³ A psicoterapia é um tipo de terapia cuja finalidade é tratar os problemas psicológicos, tais como depressão, ansiedade, dificuldades de relacionamento, entre outros problemas de saúde mental.

Após o nascimento o recém-nascido separa-se do corpo da mãe, agora fora da barriga quente e protetora de sua genitora, sente-se totalmente indefeso. Com algumas semanas por meio da amamentação passa a reconhecer a figura materna como explica Schultz:

As trocas de ambiente são, em geral, menos intensas nos primeiros dias de vida e a criança não reconhece de imediato quem lhe oferece o seio (ou mamadeira), limitando-se, na maioria dos casos, a mamar e dormir. Por outro lado, pela constância, continuidade, confiabilidade e aceitação presentes na relação mãe-bebê (encontrados nos cheiros, calores, gestos, jeitos, maneirismos), poucas semanas, ou mesmo dias, a criança começa a reconhecer algo familiar e a sentir algo especial em relação à mãe (SCHULTZ, 2004, p.57).

Quando essa relação entre mãe e bebê é quebrada o pequeno fica por muito tempo sozinho sente se abandonado e desamparado o que lhe causa frustrações que segundo a teoria winnicottiana a criança ainda não consegue lidar, por isso o bebê necessita sentir uma presença maternadora. Segundo (CORDEIRO 2012, apud DIAS E CONCEIÇÃO, 2012/2013) a criança precisa sentir que os outros estão lá, mesmo não estando fisicamente, isso causara nela a sensação de que está segura.

Na ausência da mãe o pequeno então acaba por escolher algum objeto, brinquedo, fralda, chupeta ou parte de seu próprio corpo para suprir ou consola-lo. A fraude ou o brinquedo pode fazer com que a criança se lembre de sua mãe ou de seu lar. Como sugar o dedo ou chupeta faça a criança lembra-se do seio da mãe, como evidência Winnicott (2008 p.60):

No caso do bebê amamentado ao peito, em breve desenvolve-se nele uma capacidade para usar certos objetos como símbolos do seio materno e, portanto, da mãe. A relação com a mãe (tanto a excitada como a tranquila) é representada pela relação da criança com o punho, o dedo polegar ou os dedos, ou com um pedaço de tecido, ou um brinquedo macio (WINNICOTT, 2008, p.60).

A criança só pode fazer essa simbolização do objeto com o seio ou a mãe, após o contato concreto, quando ele já foi amamentado pela mãe. Um dos objetos mais utilizados para substituir o seio materno segundo Winnicott trata-se da conhecida mamadeira, porém sua eficácia é bastante contestada por distanciar o bebê da mãe:

Poder-se-ia pensar, de início, que a mamadeira é introduzida como um brinquedo no momento apropriado, quando o bebê já teve experiências com o seio materno. A mamadeira usada em lugar do

peito materno, ou substituindo este nas primeiras semanas, tem de ser apenas uma coisa e, de certo modo, representa uma barreira entre o bebê e a mãe, em lugar de ser um elo de ligação de modo geral, a mamadeira não substitui perfeitamente o seio materno (WINNICOTT, 2008, p.60).

Esses objetos têm grande relevância na criação de novos vínculos e na integração social da criança, é o primeiro passo para uma individualização já que esse objeto escolhido, ajuda a amenizar as consequências da separação mãe-bebê.

Esse objeto deve ser escolhido pela criança e deixado quando o mesmo perder o interesse naturalmente. Isso não significa que o adulto não possa ajudá-la, entregando para ela alguma fraude ou objeto em especial, no momento de dormir, ou passar o perfume da mãe no objeto, para que a criança sinta que está perto dela (DIAS e CONCEIÇÃO, 2012/2013, p.205).

Segundo a teoria winnicottiana (2005) os elementos transicionais têm como objetivo ajudar a acalmar a criança na hora de dormir ou em situações novas e que provoca ansiedade, medo e frustrações. Essa teoria winnicottiana é análoga ao que orienta as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, a saber:

Cada criança apresenta um ritmo e uma forma própria de colocar-se nos relacionamentos e nas interações, de manifestar emoções e curiosidade, e elaborada um modo próprio de agir nas diversas situações que vivencia desde o nascimento conforme experimenta sensações de desconforto ou de incerteza diante de aspectos novos que lhe geram necessidades e desejos, e lhe exigem novas respostas. Assim busca compreender o mundo e a si mesma, testando de alguma forma as significações que constrói, modificando-as continuamente em cada interação, seja com outro ser humano, seja com objetos (BRASIL, 2013, p.88).

Uma dessas situações, ocorre quando a criança enfrenta uma mudança em sua rotina como por exemplo a inserção na instituição educacional(creche). O professor no início da inserção da criança numa instituição, como o CMEI, de maneira alguma deve separar o objeto da criança, pois o psicanalista Winnicott (2005) afirma que a criança está levando para a instituição um pouco do seu lar, para não se sentir sozinha. Isso deve ocorrer naturalmente quando a criança achar que está pronta, depois de alguns meses ele próprio acaba por esquecer do objeto, passando a interagir e brincar com as outras crianças. Winnicott (2008) também declara que “As falhas nesse cuidado bloqueiam ainda mais o desenvolvimento da capacidade da criança de sentir-se real em sua relação com o mundo dos objetos e dos fenômenos”.

Percebe-se a partir desse tópico, que os objetos e os fenômenos transicionais são tendências inatas que toda criança pequena perpassa na infância. Os autores buscaram demonstrar que a transição se trata da total dependência para uma possível independência e interação social.

1.5 Figura Paterna

A mãe é citada a todo momento, pelos autores, adotados nesse estudo que discutem sobre a infância e a criança, porém a figura paterna muitas vezes fica escondida ou não aparece, Winnicott (2008) em sua teoria buscou explicar qual a importância do pai e porque ele quase ou nunca aparece nessa primeira etapa da vida infantil.

Percebe-se, que pouco se refere ao papel do pai no desenvolvimento da criança, na visão winnicottiana ele é uma figura secundária que tem em sua responsabilidade, nos primeiros dias de vida do recém-nascido, ser a proteção de seu lar, para que nada venha atrapalhar a mãe em sua tarefa de maternagem, tendo seu papel, segundo Winnicott (2008 p.215) “ primeiro, através do seu apoio material e emocional e depois gradualmente, por suas relações diretas com a criança”. O pai aparece como alguém que está ajudando a mãe no cuidado externo do lar, pois se a mãe tiver que cuidar da criança do lar e dos fatores externos, torna-se muito pesado e sua maternagem não será bem executada (Winnicott 2008).

De início os pais se sentem desconfortáveis ou simplesmente não sabe como reagir diante de um frágil bebê, cabe a mãe então ajuda-lo a aproximar do pequeno:

[...] alguns pais são muito tímidos a respeito de seus bebês, no princípio, e sem dúvida também nunca se conseguirá que alguns se interessem por crianças; mas, de qualquer modo, as mães podem levar os maridos a ajudarem em pequenas coisas e podem organizar suas tarefas de modo que o bebê seja banhado quando o pai estiver em casa para assistir e até participar, se quiser. [...] tudo depende bastante daquilo que a mãe decidir (WINNICOTT, 2008 p. 127 128).

Quando a criança está um pouco mais velha, o pai torna-se mais participativo na vida da criança, talvez mais do que a mãe (WINNICOTT 2008). Nesse período o

pai pode levar a criança na instituição de Educação Infantil e também participar de suas brincadeiras.

A criança também precisa de pessoas que possam estar ao seu redor para executar suas emoções e imaginações:

[...] é muito mais fácil para as crianças estarem aptas a contarem com dois pais; um dos pais pode ser encarado como a permanência do amor, enquanto o outro é detestado, isso constitui, em si, uma influência estabilizadora. [...] a criança está predisposta a odiar alguém e se o pai não estiver presente para servir de alvo, ela detestará a mãe e isso confundi-la-á, visto que a mãe que a criança mais fundamentalmente ama (WINNICOTT, 2008, p.129 -130).

A criança pequena necessita odiar alguém, daí outro fator que se recai sobre o pai, pois odiar e amar a mãe ao mesmo tempo se tornaria algo confuso, para o pequeno. O pai tem em sua função o simbolismo e as novas influências, que é explicitado nas brincadeiras:

Nas brincadeiras infantis, há um de "Mães e Pais" e, como sabemos, o pai, pela manhã, parte para o trabalho, enquanto a mãe fica entregue aos afazeres caseiros e a cuidar dos filhos. Os afazeres domésticos são algo com que as crianças facilmente se familiarizam, visto que decorrem sempre em torno delas, mas o trabalho que o pai realiza[...] amplia os horizontes infantis do mundo (WINNICOTT, 2008, p.131).

Quando a criança observa o pai indo para o trabalho, tem a percepção de que existe um mundo, além de seu lar. Se esse pai ao chegar em casa participar das brincadeiras dos filhos, estará possibilitando ao filho novas aprendizagens e vivencia que em casa talvez não tenha.

1.6 Instituição de Educação Infantil e os profissionais na integração da criança-bebê

A criança já nasce em uma sociedade culturalmente e historicamente definida, dentro desse grupo que o novo ser é pertencente existem normas, regras e crenças que são seguidas e repassadas de geração em geração, assim a partir dos estudos de Schultz (2004), Winnicott (2008), Haddad e Maynard (2017) em conjunto

com o documento Brasil (2013), neste tópico, propõe-se definir a relevância da integração para a criança pequena, o papel do professor da Educação Infantil em relação a integração do bebê e da criança pequena com o mundo real e as constantes lutas contra as perturbações e frustrações sofridas nessa etapa.

As particularidades de cada cultura não são compreendidas por aqueles que pertencem a outros grupos, como evidencia Schultz (2004, p.28) "As pessoas fazem coisas não porque dão bons resultados, mas porque são as certas, mesmo que os olhos dos de fora possam ver a perversidade das ações habituais." Esse meio proporciona para o recém-nascido sua primeira socialização com o mundo externo, definido por Schultz (2004) como socialização primária. Sendo a primeira e a mais importante para as que surgirão a partir desta.

Todo indivíduo nasce em uma sociedade objetiva; nela já se encontra outros indivíduos para ele significativos, que são os agentes de sua socialização. Esses "outros significativos" impõem-lhe uma estrutura e um mundo social objetivo. São os mediadores entre o recém-chegado ao planeta e mundo. Esse mundo é modificado pelos mediadores no curso do processo de socialização primária, por exemplo, crianças das classes economicamente inferiores absorvem a perspectiva da sua classe com o viés do olhar dos pais (SCHULTZ, 2004, p.29).

Para Schultz (2004) a criança estabelece laços afetivos com as pessoas com as quais convive e se identifica, internalizando os conhecimentos, já que essas pessoas têm grande influência em seu aprendizado. Desta forma, segundo a autora, a criança absorve papéis sociais, forma sua identidade e vai se constituindo a partir da ação dessas pessoas que são sua referência. Essa formação de sua identidade está no que a autora chama de socialização primária. Desse ponto em diante a criança começa a generalizar, ou seja, a levar para a escala social todo o ensinamento que absorveu e está constituído no seu registro pessoal.

A teoria da autora coincide com o que está homologado no parecer das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica sobre a integração da criança:

[...] a motricidade, a linguagem, o pensamento, a afetividade e a sociabilidade são aspectos integrados e se desenvolvem a partir das interações que, desde o nascimento, a criança estabelece com diferentes parceiros, a depender da maneira como sua capacidade para construir conhecimento é possibilitada e trabalhada nas situações em que ela participa. Isso por que, na realização de tarefas diversas, na companhia de adultos e de outras crianças, no confronto dos

gestos, das falas, enfim, das ações desses parceiros, cada criança modifica sua forma de agir, sentir e pensar (BRASIL, 2013, p.88).

Já socialização secundária se inicia após a interiorização da socialização primária e de uma identidade já formada. A fase da socialização primária e secundária da criança atualmente também é responsabilidade da educação, pela crescente necessidade do ingresso no mercado de trabalho dos pais e responsáveis pela criança e por ser um direito da criança frequentar a Educação Infantil. Após o nascimento do bebê a responsabilidade é totalmente dos pais, com alguns meses de vida essa responsabilidade é compartilhada também com as instituições educacionais (como por exemplo os CMEIs). Segundo Winnicott a inserção da criança pequena nos CMEIs é vista de maneira errônea ao ter seu papel comparado com o da família:

A função da escola maternal não é ser um substituto para uma mãe ausente, mas suplementar e ampliar o papel que, nos primeiros anos da criança, só a mãe desempenha. Uma escola maternal, ou jardim de infância, será possivelmente considerada, de um modo mais correto, uma ampliação da família "para cima", em vez de uma extensão "para baixo" da escola primária (WINNICOTT, 2008, p.214).

Ao ser um complemento da família a educação infantil deve estar apta a compreender e responsabilizar-se por tudo que permeia o desenvolvimento da criança. Sendo no sentido físico, afetivo, psicológico, cognitivo etc. Portanto as manifestações de agressividade também são um assunto que compete a educação, por se tratar de questões psicológicas e inatas da criança.

Por isso, a necessidade de investir na formação dos professores, tornando os profissionais formadores e transformadores da realidade. Com objetivo de formar cidadãos conscientes e participantes da sociedade. Segundo Schultz o professor deve ter a capacidade de refletir sobre sua prática em sala de aula:

Os professores devem ser capazes de refletir sobre suas práticas, evitando subterfúgios que, além de constituírem uma tentativa oculta de fazer a cabeça da criança, chegam a ser percebidas mesmo pelos pequenos e tem o objetivo de orienta-los para uma atitude passiva, de conformismo e de submissão (SCHULTZ, 2004, p.32).

O professor suficientemente bom é aquele que busca compreender as necessidades físicas e afetivas do pequeno, já que ele terá contato constante e direto com o mesmo. O professor saberá que cada bebê tem suas características é que uma troca de fralda igualitária seria uma ação mecanizada, o que não teria significado ou

aprendizagem para a criança pequena. O professor suficientemente bom⁴ segundo Schultz (2004) deve compreender que para satisfazer as necessidades do bebê é preciso alimentá-lo no momento adequado dando significado a partir de atitudes afetivas. Manipula-lo pelo toque corporal, acalmando-o, no momento da troca de fraldas ou da higiene, massageando e conversando, sempre olhando o nos olhos. Embalá-lo no colo ou no berço para deixar o bebê calmo. Banhá-lo lentamente utilizando brinquedos ou músicas para que esse momento se torna ainda mais prazeroso e lúdico. Por último e também de grande importância o professor deve nomeá-lo, ou seja, chama-lo pelo nome sempre que possível para a obtenção de uma individualidade.

Para que o professor possa executar essas necessidades é preciso que ele, conheça as crianças pequenas que estão em seus cuidados na instituição, como por exemplo: sua idade, sua família, seus comportamentos, sua alimentação entre outros.

Isto não quer dizer que o professor possa controlar e entender totalmente a criança, pois nesse período ela também está em fase de conhecimento próprio é o professor deve estar preparado para constantes reviravoltas de humor e atitudes do pequeno ser, como evidência o autor Winnicott (2008, p.223):

A professora terá também de encarar, no período inicial da criança na escola, uma surpreendente flutuação entre tendências de grande dependência e independência; além de, mesmo nos últimos tempos da idade de frequência da escola maternal, certa confusão entre o que é certo e errado, entre a fantasia e o fato, entre o que é propriedade pessoal e o pertence a outros (WINNICOTT, 2008, p.223).

Os pais assim como os professor devem suportar essas mudanças do bebê, demonstrando a ele que está em um lugar seguro e resistente a todas as suas descargas de energia como explica o psicanalista Winnicott no livro “A criança e seu mundo” (2008, p.256/257) “se o lar pode suportar com êxito tudo que a criança fizer para desuni-lo, ela acaba por acalmar-se através das brincadeiras”. Se a criança testa os pais em casa, logo também tende a fazer o mesmo com os professores, das instituições de Educação Infantil, pois é um dos locais em que eles ficam cerca de cinco dias por semana, a criança precisa saber se a instituição também é um lugar seguro. Por isso segundo a teoria winnicottiana:

⁴ Juízo de valor que Winnicott utiliza para se referir ao professor competente

a instituição deve ser um ambiente facilitador especialmente no início, quando a criança vivencia uma situação de dependência quase absoluta. Esse ambiente deve prever uma “qualidade humana” característica de pessoas que lidam com crianças e não uma perfeição mecânica em relação aos horários, higiene, saúde e outros semelhantes. [...] A educação infantil [...] apresenta uma educação alternativa à materna quando lhe oferece um ambiente satisfatório, que permita o seu desenvolvimento. Do contrário, rompe-se a linha da vida, e as tendências herdadas, muito poderosas, não podem levar a criança ao pleno desenvolvimento (WINNICOTT, apud SCHULTZ, 1999, p.53).

A autora Schultz (2004, p.33) refere-se ao nosso sistema de ensino como “reprodutivistas, competitivos e consumistas, formando seres submissos e competitivos”. Com o afastamento precoce da família, a criança necessita de uma educação realmente democrática, para suprir as etapas iniciais da socialização primária e secundária. Lembrando que toda atitude é internalizada pela criança e nunca será esquecida sendo positiva ou negativa.

Segundo a autora estudos demonstram que para a formação profissional qualificada é necessário os estudos da psicanálise, que auxiliam na compreensão sobre a etapa inicial das crianças pequenas em desenvolvimento, assim Schultz (2004) afirma que, os princípios da psicanálise devem ser incorporados ao saber pedagógico, na formação de professores graduados, essa contribuição a educação infantil poderá produzir melhor efeito e desempenho do papel que se espera da educação.

A instituição educacional, em conjunto com a família, hoje é vista como um local que ampara, protege, e prepara a criança para o mundo, papel esse que antes era propriamente dita como responsabilidade apenas da família. Como sugere Schultz:

A escola é, hoje, para a criança, o vestíbulo do mundo, algo interposto e ao mesmo tempo e ao mesmo tempo incluído entre a família e a sociedade. O professor deve ser capaz de instruir os pequenos a respeito deste planeta, bem como de sentir-se por eles responsável. A mãe/educadora, o cuidador/educador, o professor/educador são, para a criança, representantes de todos os adultos que têm, em última análise, a responsabilidade unânime de lhe descerrar o mundo com todas as suas contradições e do qual a educação faz parte, sendo sempre proporcionada em função de uma determinada inserção social (SCHULTZ, 2004, p. 35).

A inserção da criança pequena nas instituições, preparadas para acolher, amparar, cuidar e socializar tem uma grande relevância na vida da criança pequena. Na creche as crianças introvertidas ou filhos únicos tem a oportunidade de aprender a se socializar e a deixar os comportamentos etnocêntricos⁵ por meio das brincadeiras e da convivência:

A compreensão que os seres humanos têm do mundo social não é dada e sim construída nas relações sociais que estabelecem com o(s) outros. Produzir significado é um fenômeno culturalmente mediado que depende da existência de um sistema simbólico partilhado (HADDAD e MAYNART, 2017, p.70).

Notamos nesse item que a integração da criança pequena é construída com o auxílio e a interação do professor com a família. Os autores constataram que o professor precisa estar capacitado para acompanhar a integração da criança e do bebê na educação infantil. Essa contribuição do professor pode ser feita nos aspectos físicos, afetivos e pedagógicos, promovendo o progresso natural da criança.

1.7 Complementariedade/interação: família e Instituição de Educação Infantil

A família e a instituição educacional são os dois primeiros ambientes sociais que a criança pequena se integra na infância. Esses dois ambientes são participantes ativos do desenvolvimento natural da criança, por isso a necessidade da interação entre ambos. A partir dessa perspectiva por meio dos estudos dos autores Winnicott (2008), Schultz (2004), juntamente com os documentos Brasil (1996), Brasil (1998) e Brasil (2013), nesse tópico, será discutido sobre essa complementariedade, em uma concepção histórica, cultural e educacional, procurando refletir sobre a importância dessa interação e as consequências ocasionadas pela falta da mesma.

A separação precoce da criança com a família não é uma situação atual. No século XVI já haviam registros de famílias que enviavam os recém-nascidos para amas, algumas delas moravam em outras cidades.

⁵ Egocentrismo (em grego: egó + kentros) é o comportamento voltado somente para si ou tudo que lhe diz respeito, ou ainda, a incapacidade de diferenciar-se dos outros.

Naquela época os bebês não eram amamentados por suas mães, mas por amas⁶, na verdade algumas crianças não tinham contato com a mãe até os 4 anos de idade, porque eles eram mandados para fora da cidade ou para internatos, é claro, se sobrevivessem, outras famílias contratavam pessoas para tomar conta da criança em casa, o que demonstra que nesse período não havia a existência do sentimento de infância entre as famílias.

O abandono de recém-nascidos era coisa comum entre famílias de baixa renda, a autora Schultz (2004) demonstra que a morte de um recém-nascido não trazia para a família um sentimento de dor, pois isso significava uma boca a menos para ser alimentada e mais tempo para ajudar o marido no trabalho, sendo assim comparado por ela como uma forma de aborto externo (fora do útero):

O ato de despachar a criança logo após o nascimento, sem que se avaliasse seu estado de saúde, as distancias, a intempérie, aliados ao batismo apressado, parece uma forma de os pais se verem livres da criança, mesmo prevendo a possibilidade de sua morte. As famílias estariam encontrando uma maneira de diminuir o número de filhos, tal como ocorre hoje em dia em relação a certas práticas abortivas (SCHULTZ, 2004, p.37).

Essas ações das famílias em relação a crianças começaram a ser criticadas, e alguns estudiosos começaram a discutir sobre a importância do cuidado com a criança, principalmente no início de sua vida, sendo totalmente vulnerável nos primeiros anos de seu desenvolvimento. O estado passou a motivar a mulher para cuidar de seus filhos.

Segundo Schultz (2004), após uma transformação lenta da revolução francesa e seus discursos liberais as mulheres começaram a cuidar e a preocupar-se com a vida do pequeno ser que, acabara de chegar ao mundo. A família agora cuidava da criança e de sua educação, com o maior apreço e afetividade. Surge então os primeiros resquícios de uma igualdade da mulher na sociedade:

Surge uma nova mulher que já pode considerar suas próprias opções e desejos, ao contrário do que antes lhe era imputado: a realização pessoal e a felicidade só lhe seriam concedidas com a mediação de outrem, a dos filhos maridos. Os avanços obtidos não aconteceram de modo natural, mas, sim, como fruto de uma luta contra preconceitos

⁶ **Ama de leite** é a mulher que amamenta criança alheia quando a mãe natural está impossibilitada de fazê-lo. Geralmente esse encargo era dado às escravas que já tinham filhos.

ditados pela reação de uma sociedade governada por homens (SCHULTZ, 2004, p.39).

Aos poucos essa mulher foi conseguindo invadir espaços que antes eram destinados apenas aos homens. Contudo essas mulheres continuavam a ser mães, só que agora também trabalhavam fora de casa. Surgia então a preocupação de onde e com quem deixar a criança pequena.

Novamente a criança teve que ser deixada aos cuidados de outras pessoas, entretanto agora as mães estavam em uma época totalmente diferente, em que as crianças deixaram de ser cuidadas por amas para ficarem aos cuidados de profissionais que estudaram para essa função ou seja o professor/pedagogo:

As creches e pré-escolas se constituem, portanto, em estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a cinco anos de idade por meio de profissionais com a formação específica legalmente determinada, a habilitação para o magistério superior ou médio, refutando assim funções de caráter meramente assistencialista, embora mantenha a obrigação de assistir às necessidades básicas de todas as crianças (BRASIL, 2013, p.86).

A infância deixou de ser uma fase apenas assistencialista e indesejável, resultando em uma etapa primordial ao desenvolvimento e na integração em todos os aspectos, como descrito na SEÇÃO II, Art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996):

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, p.22).

Nos dias atuais há uma necessidade da integração entre a família e a instituição infantil, pois as duas são responsáveis pelo desenvolvimento e integração da criança pequena. Como explica Schultz (2004, p.45) "A educação infantil, inicialmente proporcionada pela mãe, pode também ser efetuada, de forma paralela, na creche/berçário, por uma maternagem adequada, que auxilie a criança a alcançar a necessária integridade". Concomitante a essa teoria Winnicott (2008, p.214) também evidência que isto só é possível, com a luz proporcionada pelo papel da mãe,

diante das necessidades da realidade da criança, só assim pode-se compreender realmente como será o seguimento da criança nas instituições educacionais.

Os autores Schultz (2004) e Winnicott (2008) ao evidenciam que as crianças sofrem um impacto muito forte com a mudança de sua rotina ao serem inseridas em instituições de educação infantil, contudo essa experiência enriquecedora, proporcionará à criança novos vínculos e o princípio da realidade. Cabe à professora no momento dessa separação assumir um papel de suma importância para amparar a criança:

A professora assume o papel de uma amiga calorosa e simpática, que será não só o principal esteio da vida da criança fora de casa, mas também uma pessoa resoluta e coerente em seu comportamento para com ela, discernindo suas alegrias e magoas pessoais, tolerante com suas incoerências e apta a ajudá-la no momento de necessidades especiais (WINNICOTT, 2008, p.221).

Vale ressaltar que a criança só aceitará essa ajuda por parte da professora se seu lar tiver sido suficientemente bom ou seja se ela tiver lealdade e respeito ao seu lar. Com isso a relação entre a professora e a família terá mais firmeza (WINNICOTT, 2008). Em razão disso a partir "da entrada da criança na escola, pela primeira vez, relações sinceras e cordeais entre a professora e a mãe servirão para suscitar um sentimento de confiança na mãe e de tranquilidade na criança" (WINNICOTT, 2008, p.220). Quando essa interação entre família e CMEI é feita corretamente, sendo aceita pela criança, proporciona novos vínculos. Por meio dessa segunda separação (sendo o nascimento a primeira ⁷) a criança entra em contato com a realidade de mundo e a mãe pode buscar restabelecer sua vida pessoal e profissional.

A Educação Infantil, abrange as duas fases da socialização e principalmente o início do desenvolvimento da criança, que feito de qualquer forma traz consequências irreversíveis para o pequeno indivíduo. Por isso a Educação Infantil deve disponibilizar profissionais eficientes e qualificados para essa área, principalmente na etapa da creche⁸, que necessita segundo a mestra Schultz (2004) o professor deve ajudar o pequeno ser a suportar a ausência dos pais, como também

⁷ O nascimento é a primeira separação que a criança passa, segundo Winnicott o seu corpo separa-se do da mãe antes que o bebê possa vê-la como objeto deferente de si mesmo.

⁸ Art. 30. A educação infantil será oferecida em: I – creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II – pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade

auxiliar na resolução das constantes dificuldades encontradas pelo bebê nos primeiros meses de vida”.

Isto remete a uma integração entre a família e os docentes da Educação Infantil, pois enquanto os pais trabalham podem ter a plena convicção de que seus filhos estão sob os cuidados de professores formados e capacitados, para compreender o bebê e a criança pequena em suas especificidades. Winnicott (2008) enfatiza que há um processo duplo na relação família e lar já que os acontecimentos de um refletem no outro.

[...] as tensões que são geradas num ambiente se manifestam como perturbações no comportamento do outro. Quando o comportamento da criança é perturbado em casa, a professora pode frequentemente ajudar a mãe a compreender o que está acontecendo, com base em sua experiência dos problemas da criança na escola (WINNICOTT, 2008, p.223).

Os professores devem capacitar-se não apenas para entender as crianças, mas também os pais e suas características culturais e práticas educativas, para que não haja um choque entre a família e a instituição, o que acarretaria a total desintegração entre ambas as partes, como comprova Winnicott (2008):

[...] a professora tem responsabilidade e oportunidade dupla. Tem a oportunidade de dar assistência à mãe na sua descoberta das próprias potencialidades maternas, e de assistir à criança para que esta supere os inevitáveis problemas psicológicos com que o ser humano em desenvolvimento se defronta (WINNICOTT, 2008, p.221).

Esta professora também deve estar segundo Winnicott (2008, p.223) “preparada para súbitas e dramáticas mudanças no comportamento e aprender a tolerar o ciúme suscitado por perturbações no ambiente familiar.” Uma boa professora deve estar sempre capacitada a exercer seu papel, para quando houver casos de fracasso na maternagem, a educação infantil tem a oportunidade de corrigir e talvez suprir as necessidades que não foram atribuídas a criança pequena. É claro quando não se trata de casos graves (WINNICOTT, 2008). Nesses casos é preciso a assistência de uma professora observadora, para identificar quando algo não sendo feito como deveria, para isso uma professora precisa aprender segundo Winnicott (2008, p.216) “[...] a respeito de cuidados maternos e tem oportunidade de obter esses ensinamentos através de suas conversações com as mães e de sua observação da conduta das mães das crianças a seu cargo.”

Por este motivo a educação infantil atual, não pode ser comparada com os antigos locais que os pais deixavam seus filhos, locais estes que era de características assistencialistas e sem fundamento pedagógico, como e explicado pelo diagnóstico do plano nacional de educação:

A primeira faixa esteve predominantemente sob a égide da assistência social e tinha uma característica mais assistencial, como cuidados físicos, saúde, alimentação. Atendia principalmente as crianças cujas mães trabalhavam fora de casa. Grande parte era atendida por instituições filantrópicas e associações comunitárias, que recebiam apoio financeiro e, em alguns casos, orientação pedagógica de algum órgão público, como a antiga LBA (BRASIL, 1998, p.7).

Ao contrário da educação infantil atual que tem a responsabilidade não apenas de cuidar e higienizar (que nessa fase e também de suma importância) como também de auxiliar a criança em seu desenvolvimento psicológico, emocional e social.

A educação infantil é a primeira etapa da Educação Básica. Ela estabelece as bases da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional, da socialização. As primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar, ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de cooperação, solidariedade, responsabilidade (BRASIL, 1998, p.13).

Se esses objetivos não forem alcançados pode trazer graves consequências para a vida da criança como comenta Schultz (2004) Se a educação infantil, nas instituições falhar, causara dificuldades na integração psíquica da criança. Para que isso não ocorra espera-se que o bebê seja educado com carinho e afetividade, tendo suas necessidades satisfeitas.

A partir desse tema debatido, nota-se que os autores buscaram constatar a seriedade da interação entre a família e a instituição infantil, diante as necessidades infantis decorrentes desse período. Deixando claro que, a mãe ou professor são seres humanos e não conseguem ser perfeitos. Segundo a teoria winnicottiana o ambiente e as relações do bebê na família e meio social, demonstra que a mãe pode dividir suas atividades de maternagem, permitindo que seu filho construa novas relações afetivas.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa: A pesquisa qualitativa

Para elaboração da pesquisa, utilizou-se da pesquisa qualitativa que foi definida por Triviños(1987), Lüdke e André (1989) e Gil (1991) como uma forma de pesquisa que se opõe de qualquer relação com números e medidas, busca uma aproximação com o ambiente da pesquisa e do que será pesquisado, se caracterizando pela forma descritiva de coleta de dados.

A pesquisa qualitativa como afirma Triviños (1987) também é conhecida como naturalista, pois o pesquisador consegue seus dados de maneira natural, ao se integrar no meio que se encontra a situação da pesquisa.

Há três tipos de pesquisas mais utilizadas, que são definidas por estes pesquisadores: pesquisa etnográfica que é o estudo de grupos ou etnias, “A etnografia baseia suas conclusões nas descrições do real cultural que lhe interessa para tirar delas os significados que tem para as pessoas que pertencem a essa realidade” (TRIVIÑOS 1987, p.121). “Pesquisa de caso que é o estudo e observação de apenas uma determinada pessoa ou situação”. E a pesquisa documental que estuda documentos que ainda não foram analisados cientificamente, “arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, [...] cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, [...]”. (GIL, 1991)

Antes de iniciar uma pesquisa qualitativa o pesquisador, deve ter identificado seu objetivo, que tipo de pesquisa irá utilizar e as questões que ele utilizará para coleta de dados, que podem ser feitas a partir de uma entrevista ou questionário aberto.

A pesquisa qualitativa visa compreender mais a fundo as situações investigadas, por isso a importância de o pesquisador estar constantemente integrado ao ambiente da pesquisa. Por outro lado, essa aproximação pode causar um certo desconforto quando for o caso de um entrevistado, podendo se negar a responder as perguntas ou em casos mais extremos não possuir a fala. Para esses casos usa-se a observação que possibilita ao pesquisador entender mais os dados para ajudar na sua pesquisa.

O pesquisador não formula uma hipótese antes da pesquisa, pois a pesquisa qualitativa se inicia a partir do contato do pesquisador com o ambiente da pesquisa. A pesquisa se inicia de baixo para cima, como salienta, Triviños (1987, p.123)

A ausência de hipóteses rígidas a priori, que deveriam ser empiricamente verificadas, apoiando-se, de maneira fundamental, na estatística, o abrigou o pesquisador a ter um conhecimento geral aprofundado da realidade que seria de contexto ao foco em estudo e dos suportes teóricos principais que guiavam sua ação. Isto permite a flexibilidade para formular e reformular hipóteses à medida que se realiza a pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p.123).

O pesquisador deve obter foco e compreender que ele está estudando e observando outras pessoas e suas culturas, e que ele não pode fazer julgamentos segundo suas crenças e valores. Daí a importância de o pesquisador planejar sua pesquisa e coleta de dados. Após a coleta de dados o pesquisador interpreta os dados coletados e os sistematiza, para um novo questionário ou finalizar sua pesquisa.

2.1.1 Pesquisa bibliográfica

Um dos tipos de pesquisa realizado para o desencadeamento do presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica, abordada pelos autores Gil (2010) e Andrade (2010) como aquela executada dentro dos critérios científicos.

Este tipo de pesquisa é usado em todos os trabalhos científicos no meio acadêmico, como sugere Andrade (2010, p.25) “para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas”. A pesquisa bibliográfica é muito requisitada no trabalho acadêmico, pela necessidade de um embasamento teórico confiável, para o desencadeamento da pesquisa. Conforme aponta Gil em seu livro como elaborar projeto de pesquisa, os materiais adequados para uma pesquisa bibliográfica são materiais já publicados:

[...] tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos, todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela internet (GIL, 2010, p.29).

A pesquisa proporciona ao autor uma base teórica ao alcance de sua mão de forma simples e rápida. Para elaboração desse trabalho por exemplo, de conclusão de curso, não teria como obter acesso a períodos históricos sobre a educação infantil ou até mesmo sobre as diversas teorias sobre agressividade, como evidência (GIL, 2010 p.30):

[...] quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos (GIL, 2010, p.30).

Uma pesquisa bibliográfica requer uma sequência elaborada em aproximadamente dez passos, como sugere Gil (2010, p.45):

a) escolha do tema; b) levantamento bibliográfico preliminar; c) formulação do problema; d) elaboração do plano provisório de assuntos; e) busca das fontes; f) leitura do material; g) fichamento; h) organização lógica do assunto; e i) redação do texto (GIL, 2010, p.45).

Antes de iniciar a pesquisa o pesquisador/acadêmico deve primeiramente escolher um tema, específico e centrado, que lhe desperte interesse. O tema escolhido precisa de subsídios para implementar a parte teórica do seu trabalho. Por trás de toda pesquisa encontra-se um problema, que o pesquisador precisa estudar. Esse problema é feito em forma de pergunta, clara e específica. Com o problema formulado e delimitado o pesquisador começa a organizar seu trabalho e sua estrutura, que poderá ser modificado ao decorrer da pesquisa. O pesquisador então procura identificar autores que o ajudará na resolução do problema, autores estes que na maioria das vezes trata-se de livros, que são recomendados por alguém que domine o tema que foi escolhido. Essas fontes devem ser encontradas em locais confiáveis como bibliotecas e sites de documentos científicos. Após a leitura o pesquisador deve fazer o fichamento dos documentos lidos para depois utilizar na parte teórica (GIL, 2010). Esse tipo de pesquisa como já foi explicado, proporciona ao pesquisador/acadêmico compreender mais profundamente sobre o tema escolhido, com base em leituras críticas e de caráter científico.

No presente trabalho, sobre Manifestações e Interpretações de Comportamentos Agressivos foi necessário um estudo entre autores que pesquisaram

sobre a agressividade na psicanálise, na educação e também dentro do ambiente familiar e educacional, buscando encontrar ligações ente a teoria e a prática. Como autor principal destaca-se as obras de Winnicott principalmente *A Criança e Seu Mundo*, a partir dele foram utilizados autores secundários como, Schultz (2005), Gagliotto; Berté; Vale (2005), Vilhena (2002) e Rodrigues (2005), Tremblay (2010), Dias e conceição (2012/2013) , como também os documentos Brasil (2013) Brasil (1996), Brasil (1998).

2.1.2 Pesquisa campo

A pesquisa de campo qualitativa, leva o pesquisador ao campo de estudo, para a coleta de dados obtendo uma ligação entre a prática e a teoria a partir dela, que, embasado nos estudos de Gil (2008) e Andrade (2010) serão relatado a descrição do estudo nesse tópico para uma melhor compreensão dessa forma de pesquisa.

No caso desse estudo, buscou-se na ação de ouvir os profissionais da educação infantil e os familiares de uma criança institucionalizada em um CMEI de Uruaçu que evidenciava comportamentos agressivos, desde sua inserção na instituição de educação infantil no ano de 2017.

Esse tipo de pesquisa, na visão de Gil (2008) tem aspectos parecidos com os levantamentos, o que os diferencia são as características pré-estabelecidas do levantamento, que procura a formulação de dados quantitativos. Já o estudo de campo, faz com que o pesquisador obtenha uma profundidade sobre sua pesquisa, podendo até ter seus objetivos reformulados caso necessário. A pesquisa campo como descrita, demonstra elementos flexíveis através da interação do pesquisador com seu campo de estudo, por essa razão Gil (2008) explica, que o pesquisador obtém mais resultados com a observação:

[...] no estudo de campo estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Assim, o estudo de caso tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que interrogação (GIL, 2008, p 57).

O pesquisador não observa somente o campo da pesquisa, como também a comunicação e relação entre eles. A pesquisa de campo apresentada no presente trabalho foi executada no CMEI – Centro Municipal de Educação Infantil Mariza Costa Vilefort popularmente conhecido como (Marizinha). Situa-se na avenida contorno Q.20 Parque Paraíso, próximo a BR 153 na cidade de Uruaçu Goiás. O CMEI está localizado em um bairro carente de classe média baixa, na saída da cidade de Uruaçu. Com o entorno, apresenta moradias simples, asfaltamento irregular, transição de todos os tipos de veículos, próximo a comércios de pequeno porte e serviços públicos como: limpeza do bairro, saneamento básico e coleta de lixo. O CMEI tem duas entradas uma com o portão maior e outra com um menor, por onde as crianças e os funcionários adentram na instituição.

O interior da instituição é uma área ampla e arejada, contendo quatro salas para os agrupamentos equipados e adequados à idade das crianças, além de outros cômodos, como banheiros, cozinha e o pátio. O CMEI atende cerca de oitenta crianças, em tempo integral nos turnos, matutino e vespertino, conta atualmente com o total de vinte e oito funcionários, trabalhando nos dois períodos.

2.2 Categoria e Instrumentos de pesquisa

2.2.1 Estudo de caso

O estudo de caso, como o próprio nome já indica é o estudo de “um caso”, uma pessoa ou um fenômeno, como explica Triviños (1987) “ É uma categoria de pesquisa cujo objetivo é a unidade⁹ que se analisa aprofundadamente.” Para compreendermos melhor sobre esse tema iremos utilizar como base as obras de Gil (2010) e Triviños (1987) com o intuito de esclarecer e explicar as formulações dessa pesquisa de caso.

Na pesquisa qualitativa o estudo de uma unidade é o primeiro passo para uma hipótese ou a construção da base teórica do pesquisador, assim esse tipo de estudo se difere dos demais pelo seu caráter flexível, como evidencia Gil (2010 p.117) sobre

⁹ Segundo Triviños (1987) unidade significa um, podendo ser um sujeito, um clube, uma universidade, uma escola etc.

as etapas do estudo de caso “ Seu planejamento tende a ser mais flexível e com frequência o que foi desenvolvido numa etapa determina alterações na seguinte”. Percebe-se a partir dessa afirmação, que o estudo de caso segue um padrão próprio para cada tipo de unidade/caso estudado.

Neste estudo o pesquisador permeia-se na realidade da pesquisa, para buscar compreender os fenômenos que a cercam como explica Triviños (1987, p.134):

[...] às características culturais de um meio específico no qual se insere a unidade em exame, de natureza qualitativa-fenomenológica, é menos complexo, sem dúvida, que uma visão na qual se observa o fenômeno em sua evolução e suas relações estruturais fundamentais (TRIVIÑOS, 1987, p.134).

O pesquisador observa os fenômenos encontrados no meio social da unidade estudada e sua evolução com a intenção de chegar a uma possível hipótese sobre a pesquisa.

Dentro do estudo de caso existem inúmeros estudos de casos, tais como sugere (TRIVIÑOS, 1987) a) Estudo de casos histórico-organizacionais: em que o pesquisador estuda uma instituição e seus registros como forma de coleta de dados. b) Estudo de casos observacionais: a coleta de dados neste caso ocorre a partir da observação participativa do pesquisador com a unidade. c) Estudo de casos denominado história de vida: por intermédio da entrevista o pesquisador busca aprofundar na história de vida do indivíduo estudado ou de alguém próximo a ele.

Observa-se que esse tipo de estudo procurar uma aproximação do pesquisador com a unidade estudada, para um bom princípio teórico em sua pesquisa.

2.2.1.1 Entrevista

A pesquisa de campo requer uma forma de coleta de dados, que é feita com o contato direto do pesquisador com sua pesquisa, diante disso a entrevista realizada com a avó paterna da criança, foi executada em sua residência, propondo à entrevistada total conforto e comodidade. Para tentar compreender as origens dos comportamentos agressivos da criança, foram formuladas 27 perguntas a partir da leitura do livro a Criança e Seu Mundo, de Donald Winnicott (2008), os quais seguem:

1. Sobre seu neto, você saberia me informar como foi a gravidez dele? Foi planejada ou foi uma surpresa?
2. A criança mora com você?
3. Desde quando ela mora com você? Como foi a passagem para ir morar com você?
4. Como foi a separação da mãe? Ele estava com quantos anos?
5. Como era sua vida antes da chegada da criança e após a chegada da criança?
6. Desde quando ela está no CMEI?
7. Você se considera agitada ou calma? E a mãe dele?
8. Você cuidou da criança nos primeiros dias de vida? Já ficaram longe?
9. Ele foi amamentado com o leite materno? Até quantos meses?
10. Já houve algum acidente com a criança?
11. Como foi o desenvolvimento do seu neto?
12. Seu neto era um bebê calmo ou agitado? E agora?
13. O que você faz quando seu neto expressa raiva, grita, esperneia, morde?
14. Seu neto aparentava ser medroso? É agora?
15. Teve privação de alimento?
16. A criança puxava seu cabelo? Já mordeu alguém?
17. Como é a relação da criança com o pai?
18. Como é a relação da senhora com a mãe da criança?
19. Qual é a reação da criança quando não consegue o que deseja?
20. Quem leva e busca a criança no CMEI?
21. Como é a relação da criança com as outras crianças do CMEI?
22. A criança demonstra afeto por familiares?
23. Você considera a criança tímida ou extrovertida?
24. A criança se movimenta enquanto dorme?
25. Já viu a criança brincando de imitar algo?
26. Quais são os brinquedos que a criança mais gosta? A criança costuma quebrar os brinquedos?
27. Como é a reação da criança ao ver a mãe?

A entrevista, foi gravada com o auxílio de um celular, o diálogo durou aproximadamente 1h30min. As respostas obtidas na entrevista foram o ponto de

partida para a construção da base teórica. A transição das respostas encontra-se anexadas a esta pesquisa. A descrição, análise e inferência seguem no capítulo III.

2.2.1.2 Observação

Nessa pesquisa o estudo de caso foi realizado, sobremaneira, por intermédio de uma entrevista com a avó paterna de uma criança que apresentava comportamentos agressivos na instituição de educação infantil, acreditando que o diálogo com a família poderia possibilitar a compreensão de tais comportamentos manifestado na instituição. Porém, considerou-se também as vozes da instituição, professores, monitores, diretor e o diário de campo de uma estagiária. Percebe-se que o tipo de estudo escolhido para esta pesquisa foi o tipo c). buscando uma aproximação da pesquisa, por meio de pessoas próximas ao indivíduo estudado.

3. AGRESSIVIDADE NA PEQUENA INFÂNCIA UM ESTUDO DE CASO

3.1 Descrição da criança Ezel em diferentes contextos e perspectivas

Ezel era o mais velho e mais alto de seu agrupamento, isso o tornou solitário pois, as outras crianças não conseguiam acompanhá-lo nas brincadeiras, às vezes um pouco brutas, mas para ele normal. Conhecido por seu comportamento diferente e suas atitudes ditas agressivas e impulsivas, Ezel era temido em todos os agrupamentos, já havia mordido ou batido em crianças de diferentes idades e tamanhos. É bastante conhecido no CMEI, assim como também pelos pais das outras crianças. Se algo ocorresse a uma criança, como ser mordida ou empurrada, mesmo que ninguém tenha presenciado, a culpa logo era direcionada a Ezel.

Nas brincadeiras ele sempre queria ser o primeiro, era como se ele estivesse tentando mostrar para as professoras que ele estava ali e participava de tudo. Por algumas vezes ele tentava ajudar ou ser carinhoso com as outras crianças, no entanto, elas, ao verem que ele se aproximava, corriam ou começavam a chorar.

Ezel estava sempre de castigo no berço, quando fazia algo reprovável pelas professoras era pego no colo e colocado no berço e levava uma bronca (DIÁRIO DE CAMPO DA ESTAGIÁRIA, pg.71). Uma criança ativa, animada e brincalhona que não conhecia sua própria força ao abraçar ou empurrar outra criança do seu agrupamento. Uma criança muito inteligente e esperta, por inúmeras vezes, como relatam os profissionais, fugiu do seu agrupamento e até mesmo do CMEI, deixando todos preocupados e aflitos. O caso da criança Ezel divide opiniões e julgamentos entre a família, instituição, pais, profissionais e também estagiarias que tiveram contato com ele durante o curso de Pedagogia.

Segundo o **depoimento da gestora** do CMEI Marisa Costa vilefort (Marizinha), (2017) a criança Ezel, tem uma história de vida muito solitária, ela acredita que seu comportamento é resultado do seu contexto familiar. Segundo ela, Ezel não teve contato com a mãe. Após seu nascimento ela o entregou para o pai, que trabalha como caminhoneiro; o mesmo não podendo cuidar da criança o entregou para a avó paterna que desde então cuida dele.

O CMEI é o lugar em que ele mais recebe atenção e descarrega suas energias mordendo, correndo, subindo nas mesas, batendo e empurrando. O CMEI teve que tomar algumas medidas após dois acontecimentos mais graves com a criança.

O primeiro aconteceu no início do corrente ano, 2018, enquanto as crianças brincavam no parquinho e no gramado. O Ezel fugiu do CMEI. Quando as professoras perceberam que ele havia desaparecido entraram em desespero e começaram a procurá-lo dentro da instituição, ao perceberem que ele não estava do lado de dentro, foram procurar ao redor. Após alguns minutos torturantes, uma mulher apareceu segurando-o pelo braço dizendo tê-lo encontrado chegando na rodovia.

O segundo fato ocorreu quando ele viu um caminhão passando na rua e correu em direção ao portão, achando que se tratava de seu pai. O motorista ao ver a criança indo em sua direção começou a frear, felizmente a professora correu e conseguiu segura-lo antes de chegar à rua. Após esses acontecimentos a diretora relata que passaram a trancar o portão com cadeado e instalaram uma campainha ao lado do portão.

Pelo relato retirado do **diário de campo de uma das estagiárias** que esteve no agrupamento de Ezel no ano de 2017, vê-se que ela escolheu Ezel para descrever seu comportamento diferente. Ela relata que Pedro¹⁰ é mais velho que as outras crianças, tem 1 ano e 9 meses, só não está no maternal I pela diferença de um dia. Ele sempre é levado pela avó paterna, que comentou sobre o comportamento do neto para a estagiário, ao dizer: “Pedro foi rejeitado pelos pais, a mãe foi embora o deixando com meu filho, mas ele é caminhoneiro, então fica na minha responsabilidade” (DIÁRIO DE CAMPO, 05/04/2017, ROTINA DA CRIANÇA ESPECÍFICA EM ANEXO).

A estagiária também relatou que ele é uma criança muito inteligente e saudável. O que mais chamou sua atenção em Pedro foi sua agressividade com os outros bebês. Por ser maior que os demais, segundo ela, Pedro usa sua força empurrando e jogando brinquedos nos outros, inclusive nas professoras. Percebeu também que os bebês são muito carentes, e Pedro fica com muito ciúme de quando os outros se aproximam das professoras. Mariana é uma das crianças que gosta de ficar no colo, quando Pedro vê-la perto da estagiária, fica com ciúme e irritado, então começa a agredir com brinquedos, empurrões e cabeçadas. A estagiária conclui que

¹⁰ Nome fictício que a estagiária deu a Ezel no ano de sua observação, 2017.

esse comportamento trás para ele um sentimento de satisfação, pois ele se diverte quando faz isso.

Segundo o relato da estagiária, Pedro atrapalha a programação das professoras, pois no momento em que todos são colocados no chão para brincar, ele bate nos outros bebês, fazendo com que ele volte para o berço para ficar de castigo. À medida que ele é voltado para o berço, as professoras brigam com ele ensinando que não se pode bater, automaticamente ele balança a cabeça dizendo que entendeu, mas sempre repete as mesmas coisas. No café da manhã ou no almoço, a estagiária relata que ele se comporta bem, fica sentado e só levanta quando a professora o chama. Por ser o maior, ele come toda a comida sem deixar restos, já não precisa de ajuda e é independente para se alimentar. A estagiária percebeu que as crianças têm medo de Pedro, ao brincar, elas não se aproximam muito dele, e as professoras ficam sempre atentas para que nenhum bebê se machuque.

No momento das brincadeiras, a estagiária relata que Ezel prefere brincar sozinho, não tem dificuldade de socializar, mas pelo fato dos outros serem menores, ele não interage na hora de brincar. Para demonstrar ou pedir algo, Pedro articula muito com as mãos ou a sobrancelha.

Após o almoço, segundo o relato da estagiária as crianças ganham uma mamadeira. Depois os bebês dormem durante quase toda à tarde. Quando acordam recebem o banho e a troca de roupa, depois são colocadas no chão para brincar até que seus responsáveis cheguem.

Segundo o **depoimento da avó paterna, em entrevista**, Ezel não foi um bebê planejado, pois na época, a mãe dele estava tomando remédio. Relata que ficou preocupada, porque os pais dele estavam juntos a menos de um ano.

Na versão da avó paterna a gravidez da mãe de Ezel foi tranquila, ela não ficava enjoada, não bebia, só que ela era muito estressada, ela e o pai do bebê brigavam muito, eram brigas de muito barulho, mas não chegaram a se separar. O parto foi cesariana porque ela estava perdendo líquido, mas mesmo assim ele nasceu no tempo certo com quarenta semanas. Nasceu perfeito e saudável.

A avó relata que com quinze dias de nascido os pais dele brigaram e se separaram. A mãe de Ezel o levou para morar na casa da avó materna, então começou uma luta, porque o pai queria ver o nenê e ela não deixava, a família dela se envolveu, fizeram uma denúncia, pediram medida protetiva de duzentos metros de distância. A família paterna foi no ministério público e fizeram um acordo. Como ele

estava mamando no peito, ele ficava duas vezes por semana, por duas horas com a avó e o pai. A avó relata que os pais de Ezel ficaram separados por menos de um mês, e que voltaram, após três meses, a se separarem novamente. A mesma história se repetia. O nenê ficava com a avó materna e ficava alguns dias com a família paterna. Segundo a avó “voltaram de novo, parecia que tinham criando juízo, ficaram uns bons meses juntos e então resolveram separar de vez, sem brigas fizeram um acordo” (AVÓ DE EZEL, Entrevistada em 04\07\18, pergunta nº. 3).

A avó relata que o filho dela voltou para casa e o Ezel ficava com eles de quarta a sexta. Nos primeiros meses quando eles buscavam o Ezel na casa da avó materna, ele estava zelado. Depois de uns três meses perceberam que ele estava todo empolado com picadas de mosquitos. “Ele é alérgico e cada vez que voltava da casa da avó materna estava mais judiadinho e triste” (AVÓ DE EZEL, Entrevistada em 04\07\18, pergunta nº. 3).

Pelo relato da avó, percebe-se que Ezel não gostava de carinho, era uma criança séria que não sorria, ele já tinha um aninho. Revelou que em um final de semana a avó materna foi conversar com a avó paterna e disse que não iria leva-lo mais, porque precisava deixa-lo em um lugar que pudesse ficar seguro, pois com a mãe, ele não estaria seguro. A avó materna, alegou que a mãe saía e o levava, sumia e não atendia ao telefone. Nessa época ele já estava com um ano e meio. A mãe de Ezel não chegou a despedir-se dele, passou um mês sem ver o nenê, ele já estava com um ano e meio.

Em sua casa a criança Ezel, para sua família, é uma criança normal, brinca, chora, dorme e também é muito carinhosa. Segundo a avó paterna da criança, esse comportamento que Ezel revelou no CMEI é natural para as crianças de sua idade, por ainda estar em uma fase egocêntrica, por isso seu comportamento no CMEI é diferente. Ela também ressalta o fato de que a criança foi criada sozinha, que não tem muito contato com outras crianças e que por isso, não sabe dividir ou brincar com as crianças do seu agrupamento. A avó de Ezel cuida sozinha dele e da mãe dela, a bisavó de Ezel. Revela que está muito doente e ainda trabalha como professora em uma escola. O avô de Ezel também é caminhoneiro e vive nas estradas. A criança passa o dia no CMEI, quando chega em casa, o pai e o avô estão trabalhando e a avó tem que cuidar da mãe. Ele tem contato com o pai e o avô cerca de duas a três vezes por mês.

3.2 Análise e inferência entre a pesquisa de campo e a teoria winnicottiana

Ao analisar a pesquisa de campo com os relatos da gestora da instituição e os da avó da criança, encontra-se pontos controversos entre as interpretações da instituição e da família, pontos esses que são discutidos por Winnicott (2008) e os outros autores referenciados, durante o primeiro capítulo.

Observa-se que no CMEI, Ezel é considerado uma criança com uma história de vida complicada, por ter sido entregue ao pai e logo depois para a avó paterna. Nos primeiros meses de vida, assim a gestora da instituição acredita, que seu comportamento agitado e agressivo seja consequência do seu contexto familiar. Em relação ao depoimento da gestora, pelos estudos de Winnicott (2008), destaca-se em todo seu discurso sobre o papel da mãe, como sendo a base do desenvolvimento da criança (físico e afetivo) como a pessoa considerada mais apta a esse cargo de maternagem, por conhecer seu bebê e principalmente pelo vínculo afetivo. O autor considera que a presença da mãe é o princípio para um desenvolvimento saudável, assim como a ausência dela pode afetar todo esse processo natural do pequeno, trazendo consequências desastrosas.

Ela também considera Ezel como carente de atenção, pela vida corrida de sua família e as constantes ações da criança dentro do agrupamento para chamar a atenção das professoras. O psicanalista Donald Winnicott (2008), em sua teoria deixa sempre em evidência que comportamentos agressivos ou impulsivos é normal nesta etapa do amadurecimento infantil, destacando também a importância de o professor maternal compreender e auxiliar a criança pequena durante esse processo.

Na visão da estagiária, Ezel demonstra sentimento de ciúmes em relação às professoras, por isso muitas vezes empurra ou bate em outra criança. Em seu diário de campo, ela relata um comportamento da criança, a que chama de Pedro que a deixou assustada:

Mariana gosta muito de ficar no colo, e ao vê-la perto de mim, Pedro fica com ciúme e irritado, então começa a nos agredir com brincedões, empurrões e cabeçadas. Para ele, é muito satisfatório, ele se diverte quando faz isso, acredito que para ele sua forma agressiva seja um jeito de brincar com as pessoas (DIÁRIO DE CAMPO 05/04/2017).

Essa concepção opõe-se, a toda teoria winnicottiana, trata-se de uma indagação do senso comum, em que a manifestação de agressividade infantil está

sendo associada com a violência na fase adulta. O bebê e a criança pequena, ainda estão percorrendo por uma fase de autoconhecimento em que não possuem domínio de suas atitudes e ações. Nesse período os pequenos não conseguem distinguir entre o que parece ser bom ou ruim, pois são impulsionados pelos instintos.

A criança observada pela estagiária na instituição de educação infantil, era a maior da turma, mordida, dava tapas, jogava brinquedos, primeiramente tratava-se de uma criança que era agressiva ou que demonstrava esse comportamento com o intuito de chamar a atenção dentro do agrupamento, já que por ter o maior tamanho na turma às vezes era deixado de lado pelas professoras, que dedicavam sua atenção nos mais pequenos, porém quanto mais ele tentava chamar a atenção das professoras, mais elas se afastavam, por medo de serem mordidas ou atacadas com tapas ou brinquedos

Ao perguntar para a avó da criança sobre a gravidez de seu neto, ela deixa explícito que não foi uma gravidez planejada. Sobre essa questão Winnicott(2008) afirma que a mãe deve se preparar para a chegada do recém-nascido e ter a certeza que sua vida se transformará totalmente com a chegada da criança, tendo a convicção de que cuidar de um bebê não é uma tarefa fácil mas que será a melhor mãe que puder, a menos que a gravidez não seja desejada.

Outro fator que chama a atenção é o comportamento estressado da mãe que é descrito pela avó como uma pessoa barbaqueira e explosiva, e também as constantes brigas entre os pais da criança, durante a gravidez, sobre isto Winnicott (2008) constata que o feto dentro da barriga já conhece, sente e aprende tudo que está acontecendo com a mãe. Durante a entrevista a avó revela que os pais da criança separaram por algumas vezes após o nascimento do bebê, isso remete segundo Winnicott (2008) à quebra da proteção que o pai exerce para a mãe e o bebê. O homem nesse período tem como papel o de proteger e cuidar para que nada venha a atrapalhar a mãe em sua maternagem. Quando os pais da criança Ezel se separavam, a mãe acabava por preocupar com outras coisas e não somente com seu bebê, as vezes deixando-o sozinho transmitindo um sentimento de abandono.

A avó também se considera agitada, mas não tanto como a mãe da criança, ela também deixa claro que Ezel tem algumas características da mãe, como por exemplo essa agitação e o stress, durante a noite, segundo a avó Ezel, ele é muito agitado, rola de um lado para o outro. A revisão bibliográfica permitiu inferir que a mãe mesmo por pouco tempo fez parte da socialização primária de Ezel, o que deixou

alguns resquícios de seu comportamento e ações na construção da identidade da criança.

Segundo a avó, depois da separação definitiva dos pais, a criança passou a morar com a avó materna e a mãe e ficar três dias da semana com o pai e avó paterna. Essa mudança na rotina e a distância da mãe, segundo Winnicott (2008), é algo que não deveria acontecer, já que o bebê não pode ser afastado da mãe por períodos longos e muito menos trocar de maternagem. Isso causa no bebê uma confusão e reforça o sentimento de abandono.

A família paterna percebeu que a criança não estava sendo bem cuidada e ainda que apresentava mudanças de comportamento, transformando-se a cada dia em uma criança triste e que não gostava mais de receber carinho. A avó materna entra em contato com a família do pai da criança e pede para que fiquem com a criança, pois percebe que ali ficaria mais segura. Não se sabe o que a avó materna chama de lar inseguro com a mãe. Não se sabe o que Ezel presenciou ou viveu com a mãe em suas saídas de até um dia e noite sem dar notícias. A avó materna diz que a rotina da mãe da criança não oferecia segurança a ela, pois a mãe saía com a criança (com até um ano e meio), não dizia onde estava e nem mantinha contato telefônico. Percebe-se que a mãe já não tinha mais cuidado e preocupações com a criança deixando-a sozinha. Consequentemente a falta de cuidados fisiológicos e afetivos passaram a modificar os comportamentos e ações da criança. Os cuidados físicos nas primeiras fases do desenvolvimento da criança são indispensáveis pois, conforme Winnicott (2008) e Schultz (2004) são os primeiros contatos com a mãe. Esses cuidados são para a criança demonstração de carinho e amor, por meio do toque, da alimentação, do balançar e etc.

A mãe fica meses sem visitar a criança na casa da avó paterna, por isso a criança não tem dificuldade em se despedir da mãe. Segundo a avó, depois que ele voltava para a casa não tocava no nome da mãe. Percebe-se que após a separação da mãe, a criança passou a ver a mãe como uma visita, que aparece de vez em quando o enche de presentes e mimos e depois vai embora, não deixando nenhum significado concreto para a criança.

A avó paterna tem uma rotina pesada, pois é professora, cuida da mãe idosa e acamada e também de Ezel, por isso, antes de dois anos a criança foi colocada na instituição de Educação Infantil para que a avó pudesse trabalhar. Neste momento a criança sofre outra separação, a terceira (parto, separação da mãe e agora separação

da avó) em sua vida, o que a deixa novamente confusa, necessitando de cuidados por parte das professoras no CMEI, que ao compreenderem a situação da criança deveria ter mais cuidado e atenção com ele desde dos primeiros dias na instituição.

A avó depois que assumiu a guarda da criança não se separou mais dela. Para Winnicott (2008) isto é algo bom para a criança, pois a criança está construindo um novo vínculo afetivo, já que, com a mãe, foi cortado. A avó tem agora em sua responsabilidade o papel da maternagem e a construção da base emocional da criança.

A criança foi amamentada, no peito por cinco meses, depois disso, a mãe dela começou a dar a mamadeira. A criança durante esses cinco meses obteve da mãe, seu afeto, segurança e seu amor por meio da amamentação. Durante esse período a criança acostumou-se com a pele, cheiro e a presença da mãe. Após meses foi percebido que a criança estava com algum tipo de alergia, depois de alguns exames foi constatado que ele tinha intolerância a lactose, o que ocasionou a retirada de todos os alimentos que tinham lactose, fazendo com que ele engordasse e as perebas¹¹ diminuíssem.

Durante a entrevista a avó diz que seu neto não é uma criança birrenta, e que ela conversa ou dá uma bronca e ele "apruma". Já o pai é a pessoa que Ezel mais respeita, ele fala apenas uma vez e a criança obedece, pois Ezel encontrou no pai como sugere Winnicott (2008) uma pessoa forte que imponha limites, demonstrando que no seu lar ele conseguiu encontrar pessoas que o ajudasse na compreensão e no suporte de seus instintos.

A avó diz que de vez em quando ele a morde, ele também mordida e batia na outra netinha dela, mas hoje ele já não faz mais isso porque está crescendo e se desenvolvendo. Pode-se observar que para a avó tudo faz parte do desenvolvimento infantil e que está ocorrendo naturalmente, ao contrário do que se percebe ou é relatado no CMEI. Sobre isso a avó diz que o comportamento dele no CMEI decorre-se do seu período egocêntrico e do fato dele ter sido criado sozinho, mas que em casa ele é uma criança normal e muito carinhosa. Isto demonstra uma falta da complementariedade entre a família e a Instituição Infantil, que Winnicott (2008) considera inaceitável, já que a família e a instituição são responsáveis pela primeira

¹¹ É uma infecção superficial da pele causada por bactérias chamadas estreptococos e estafilococos.

etapa do desenvolvimento infantil, sendo assim é essencial uma relação mais próxima entre ambas, principalmente nesses casos complexos, como é o de Ezel.

Ezel não é uma criança tímida, durante a entrevista ele ficava conversando com as pessoas que passavam na rua. No CMEI ele procura sempre interagir durante as atividades, gosta de ser o primeiro em tudo, suas ações são sempre intensas sejam elas de alegria ou de fúria. Isso demonstra segundo a teoria winnicottiana uma autenticidade da criança, que sabe o que quer e como conseguir.

Ezel não tem um brinquedo favorito, na verdade seus brinquedos estão todos quebrados ou faltando peças. Essa falta de cuidado com os brinquedos pode estar demonstrando que a criança já está em uma fase de independência pessoal e que já não necessita de um objeto transicional.

Durante a entrevista a avó relatou algo muito importante, que segundo ela não havia contado para ninguém. Quando o Ezel foi morar com ela, eles não podiam ficar nus na frente dele, ou deixar ele nu porque ele ficava “se esfregando” nas pessoas. Ela não sabe ao certo o que ele via na convivência com a mãe acontecer e não sabe até que ponto isso o afetou. Nesse período é normal que as crianças imitem comportamentos pertencentes ao seu lar ou vivências sociais. A autora Schultz (2004) afirma que a criança durante sua socialização primária aprende e absorve conhecimentos que irão fazer parte da construção da identidade pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hipótese formulada para esse estudo sobre as manifestações e interpretações de comportamentos agressivos na infância foi homologada em alguns requisitos referentes à influência familiar e os comportamentos naturais e instintivos na infância. Visto o objetivo da pesquisa em interpretar os conceitos e origens das manifestações de agressividade, assim como ressaltar a importância da família e das instituições de educação infantil, na vida social e afetiva da criança em fase de desenvolvimento.

A combinação da revisão bibliográfica e do estudo de caso da base familiar de uma criança com manifestações de comportamentos agressivos na Instituição de Educação Infantil evidenciou-se que essas as manifestações de agressividade infantil, inicialmente devem ser interpretadas e compreendidas em concomitância ao contexto familiar e social da criança, antes de pré-concluir um diagnóstico generalizado. Deve-se ter consciência, de acordo com a base teórica selecionada, que as manifestações de agressividade são comportamentos inatos e instintivos, e que durante a infância a criança está em fase de descoberta e de adaptação em relação ao seu corpo, sentimentos e ações.

A família sendo o primeiro contexto social em que a criança se encontra, necessita entender que a criança é um ser humano em fase de desenvolvimento e que durante esse período ela perpassa por situações novas e conflitantes.

A mãe não necessita fundamentalmente de um estudo para cuidar de seu filhinho, pois tem em si mesma um instinto materno que se desenvolve com a maternidade, seu amor de mãe é o que ela precisa para compreender o que necessita fazer ao seu bebê. Nessa perspectiva a mãe precisa adaptar-se às necessidades do bebê logo que ele nasce. Desse modo ela deve seguir sempre o que percebe necessário ao seu bebê e não o que os outros dizem ser bom.

Após essa compreensão a família poderá então ajudar a criança, a passar por esse período dando-lhe suporte, segurança e principalmente afeto. As crianças precisam da presença e do limite de um lar forte, que suporte seus ataques de fúria ou de choro e não tente enfrentar esses comportamentos como se eles fossem adultos.

A criança em fase de maturação emocional e física, foi apreendida por meio da teoria winnicottiana como aquela que transita por uma sequência que inicia do

amor, transcorrendo depois para o ódio e o sentimento de culpa, porém ela só conseguirá percorrer essa sequência, se estiver em um bom lar e uma boa mãe. Essa boa mãe não é aquela, que acata todas as exigências dos filhos, mas sim aquela que faz o que é melhor para ele. Quem tem em sua responsabilidade a vida de um bebê ou criança pequena deve entender que o futuro dele depende do que lhe é apresentado e ensinado na infância.

A criança necessita de alguém que possa lhe oferecer um suporte que é feito com amor e ao mesmo tempo limites, nos momentos conflitantes e perturbadores, durante seu desenvolvimento em marcha. Esse apoio transmite à criança uma segurança, para prosseguir naturalmente a fase de maturação. Quando a criança não recebe esse apoio, é tomada por sentimentos de solidão ou por frustrações, demonstrado muitas vezes por comportamentos diferentes, como por exemplo, direcionar suas manifestações em si mesmo. Crianças com esse tipo de deficiência familiar, tende a procurar fora de casa o que não pode ter dentro de seu lar, seja em parentes próximos ou na instituição de educação infantil. Isso demonstra que a criança, mantém-se com esperança de encontrar o suporte que necessita pois, sem ele será um caminho mais difícil a ser seguido.

Nos primeiros dias de um recém-nascido ele é totalmente dependente de cuidados fisiológicos e emocionais, por isso é necessário que a mãe esteja sempre presente ao lado do bebê, renunciando nessa etapa seus próprios desejos. O bebê em algumas semanas já começa a conhecer e reconhecer o cheiro, a textura da pele e o calor da mãe, durante essa etapa se a mãe deixa a criança sozinha por um período ainda que seja curto, desperta um sentimento de abandono e solidão. Esse choque causa na criança frustrações e insegurança.

A agressividade é vista nessa fase como uma forma de descarregar esses sentimentos que perturbam a criança, com tudo as manifestações podem ser impulsos para a realização de desejos em situações imaginárias ou não, como o ódio pelo pai, o devorar do seio materno e os testes aplicados ao lar. Pode também ser manifestações tomadas por uma identidade egocêntrica (eu quero, eu preciso), percebe-se isto quando uma criança quer um brinquedo que está nas mãos de outra, sua ação normalmente será pega-lo se preciso usar seus impulsos agressivos para conseguir.

Os profissionais da Educação Infantil como seguimento tem um papel parecido ao da família, porém a professora deve entender qual a sua função no

desenvolvimento infantil dentro da Instituição. Os comportamentos da criança na instituição de Educação Infantil são parcialmente idênticos aos ocorridos dentro seu lar, por isso a instituição e os profissionais devem estar preparados e conscientes das mudanças de comportamento da criança, nesses casos é preciso que esse professor proporcione um ambiente calmo e estável para auxiliar a criança pequena quando ela própria não entenda o que está ocorrendo.

Os professores e demais funcionários devem obter também uma boa relação com a família, pois é preciso que esses dois ambientes trabalhem juntos, para que a criança não fique dividida entre qual contexto social deve se identificar.

Quando a criança é inserida em uma instituição de educação infantil, a mãe está depositando sua confiança nos profissionais ali presentes, dividindo assim sua maternagem, para a construção e desenvolvimento de suas capacidades e de novos relacionamentos. Os profissionais dessa instituição devem ter consciência dessa responsabilidade e procurar exercer seu papel.

Primeiramente esse profissional, deve ver a criança como uma ser humano com sua própria identidade e singularidade, ações igualitárias nessa etapa não tem sentido e pode tornar-se mecânica. Um bom relacionamento com a família já é o início para um conhecimento mais profundo da criança.

Quando a criança chega pela primeira vez à instituição, muitas vezes passa por um choque, pois, novamente está se separando de sua mãe, o professor neste momento tem a responsabilidade de ajuda-lo nessa adaptação, por muitas vezes uma criança leva consigo alguém brinquedo, fralda ou chupeta, de maneira alguma o professor pode tentar tira-lo das mãos da criança, pois trata-se de um objeto transicional que o bebê ou criança pequena usa para ajudar na amenização dessa separação já que esse objeto ou lenço pode conter o cheiro da mãe. Esse objeto é algo que está intermediando a total dependência para uma possível independência da criança, logo ela sente segura com sua realidade deixa de lado esse objeto.

Nas Instituições de Educação Infantil por muitas vezes são percebidos comportamentos diferentes, tal como os comportamentos agressivos ou perturbações que decorrem do ambiente familiar. Esse professor ao perceber tais comportamentos pode ajuda-lo buscando a parceria da família ou também encaminhar a criança para um especialista em casos mais sérios.

A instituição educacional, como por exemplo os CMEIs, que geralmente é o segundo ambiente que a criança é inserida, durante a infância, tem em sua função

grande relevância no processo de desenvolvimento de um bebê ou criança pequena, como o lar a instituição e os seus profissionais precisam compreender a sequência que os pequenos percorrem, podendo então ajuda-lo a suportar e a enfrentar nas experiências que suscitam comportamentos de agressividade.

O bebê e a criança pequena quando tem a possibilidade de encontrar um bom lar e uma instituição com profissionais eficientes, transita por um caminho ainda conflitante, porém está sendo apoiada e amparada para suportar essa caminhada do desenvolvimento afetivo, cognitivo e físico, por meio do amor e da força (limites), proporcionando assim um conhecimento pessoal. Todo esse processo inicial terá sua equivalência no futuro desse ser, que conseguirá enfrentar problemas e dificuldades normais em seu cotidiano, pois teve o privilégio de na infância encontrar pessoas que o auxiliaram na construção de sua base emocional, respeitando seu tempo e sua singularidade.

A presente pesquisa bibliográfica juntamente com a coleta de dados, principalmente por meio da entrevista com a avó de uma criança com comportamentos agressivos na infância, demonstrou o paralelo entre os contextos sociais da criança e suas divergências. Desta forma, para a continuidade dessa pesquisa levanta-se a problemática de como as instituições, em especial as de educação infantil, poderiam criar um espaço para que a complementaridade entre instituição de Educação Infantil e família pudessem estreitar sua integração, visto que, por essa pesquisa, ser essencial para o entendimento e tomada de decisões quanto às ações junto a cada criança.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais da educação básica. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Conselho Nacional de Educação, Câmara Nacional de Educação, 2013.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edição Técnica, 1996.

BRASIL, Plano Nacional de Educação. Congresso nacional, 1998.

DIAS, Isabel Simões; CONCEIÇÃO, Sónia. O objeto de transição: um estudo em contexto de creche Revista zero-a-seis, revista eletrônica editada pelo núcleo de estudos e pesquisas de educação na pequena infância. Florianópolis, 2014.

SÉRGIO, Ximenes. Dicionário da língua portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Ediouro, 2001.

GAGLIOTTO, Gisele M.; BERTÉ, Rosane; VELE, Geisa Valéria. Agressividade da criança no espaço escolar: uma abordagem psicanalítica. Revista reflexão e ação, santa Cruz do Sul, v. 20, n1, p. 144-160, jan/jun. 2012.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa -3. ed. -são Paulo: atlas,1991

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa- 5. ed.- são Paulo: atlas, 2010

HADDAD, Lenira; MAYNART, Renata da costa. A compreensão de relações familiares pela criança em situação de brincadeira em contexto de educação infantil. Revista zero-a-seis, revista eletrônica editada pelo núcleo de estudos e pesquisas de educação na pequena infância, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

RODRIGUES, Iza L. Agressividade na primeira infância: Um Estudo a partir das relações estabelecidas pelas Crianças no Ambiente Familiar e na Creche. Belo Horizonte, 2005.

SCHULTZ, Lenita Maria Junqueira. A integração professor-bebê: Rompendo a casca do ovo. BRASILIA, 2004.

TREMBLAY Richard. Agressividade-agressão. Abril de 2010

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Integração á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987

VILHENA, Junia. Agressividade e violência: reflexões acerca do comportamento anti-social e sua inscrição na cultura contemporânea. Rio de Janeiro,2002.

WINNICOTT, Donald W. Natureza e origens da tendência anti-social. In D. W. Winnicott Privação e delinqüência. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WINNICOTT, Donald W. A família e o desenvolvimento individual, tradução Marcelo Brandão Cipolla. 3 ed. São Paulo: Martins fontes, 2005.

WINNICOTT, Donald W. A criança e o seu mundo, tradução Álvaro Cabral. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1964.

APÊNDICE

Entrevista

1. Sobre seu neto, você saberia me informar como foi a gravidez dele? Foi planejada ou foi uma surpresa?

Segundo eles a mãe do Ezel estava tomando remédio, quando ficou grávida, fizeram o exame deu positivo na época achei muito precipitado porque tinha menos de um ano que eles estavam juntos. A gravidez dela foi tranquila ela não ficava enjoada, não bebia, só que ela era muito estressada, ela e meu filho brigavam muito, eram brigas de muito barulho, mas não chegaram a se separar. O parto dela foi cesariano porque ela estava perdendo líquido, mas mesmo assim ele nasceu no tempo certo com quarenta semanas. Nasceu perfeito, saudável.

2. A criança mora com você?

Sim mora comigo e visita a avó materna nos feriados e fins de semana.

3. Desde quando ele mora com você? Como foi a passagem para ele ir morar com você?

Com quinze dias de nascido os pais dele brigaram e se separaram. Ela foi com o bebê morar na casa da mãe, então começou uma luta porque meu filho queria ver o nenê e ela não deixava, a família dela se envolveu, fizeram uma denúncia, pediram medida protetiva de 200 metros de distância e meu filho doeu para ver o nenê. Fomos no Ministério Público, o promotor nos atendeu e fizemos um acordo, como ele estava mamando no peito ele ficava duas vezes por semana, por duas horas com a gente. Eles ficaram separados por menos de um mês, voltaram, após três meses se separaram novamente. A mesma coisa, o nenê ficava com a avó materna e ficava alguns dias aqui. Voltaram de novo, parecia que tinham criado juízo, ficaram uns bons meses juntos e então resolveram separar de vez, sem brigas fizeram um acordo. Meu filho voltou para casa e o Ezel ficava aqui em casa de quarta a sexta. Nos primeiros meses a gente buscava o Ezel na casa da avó materna, ele está zeladinho, depois de uns três meses percebemos que ele estava todo empolado com picadas de mosquitos. Ele é alérgico e cada vez que buscávamos ele estava mais judiadinho e triste, não gostava de carinho, era uma criança séria que não sorria, ele já tinha um

aninho. Quando foi um dia a avó dele me ligou pedindo para ficar a semana toda com ele e disse que sábado iríamos conversar. Liguei para meu filho e disse que ela queria conversar conosco dois. No final de semana ela veio conversou com a gente e disse que não iria levar ele mais, porque precisava deixar ele em um lugar que pudesse ficar seguro, pois com a mãe ele não está seguro ela sai e levava ele, sumia e não atendia ao telefone. Nessa época ele já estava com um ano e meio.

4. Como foi a separação da mãe? Ele estava com quantos anos?

Ela não chegou a despedir dele, passou um mês sem ver o nenê, ele já estava com um ano em meio.

5. Como era sua vida antes da chegada da criança e após a chegada da criança?

Minha vida era assim, eu era professora trabalhava dois períodos, cuidava da minha mãe, acamada. Na verdade, continuo fazendo tudo que fazia antes só tenho que dividir o pouco tempo que tenho com o Ezel.

6. Desde quando ele está no CMEI?

Logo que ele veio morar comigo, como eu trabalhava, precisava de um lugar para deixá-lo, consegui vaga no balão magico eu paguei até consegui uma vaga no CMEI.

7. Você se considera agitada ou calma? E a mãe dele?

Eu sou agitada, grito dou bronca, mas não guardo magoa. Ela é muito nervosa, estressada, barraqueira, qualquer coisa explodia.

8. Você cuidou da criança nos primeiros dias de vida? Já ficaram longe?

Não, não cuidei. Passei a cuidar dele depois que eles separaram definitivamente. Nunca fiquei muito tempo longe dele, no máximo quatro dias. A pessoa que menos fica longe dele sou eu.

9. Ele foi amamentado com o leite materno? Até quantos meses?

Sim ele foi amamentado, no peito por cinco meses, depois disso ela começou a dar a mamadeira.

10. Já houve algum acidente com a criança?

Não, acidente seriamente não, de vez em quando cai, tomba, derruba algo.

11. Como foi o desenvolvimento do seu neto?

Normal, como de toda criança.

12. Seu neto era um bebê calmo ou agitado? E agora?

Normal. nem calmo nem agitado, mamava, dormia bem, dormia de dia e quase não chorava. Agora está melhorando, ainda chora, mas não é chorarão. quando ele volta da casa da avó que ele fica mais manhoso e custoso, porque lá é a casa da vó.

13. O que você faz quando seu neto expressa raiva, grita, esperneia, morde?

Geralmente ele não da birra comigo, eu falo dou bronca ele apruma. Nunca tive uma cena de birra com ele no supermercado.

14. Seu neto aparentava ser medroso? E agora?

Tem medo. Bastante, agora que está diminuindo um pouco mas era muito medroso.

15. Teve privação de alimento?

Ele passou por uma fase difícil, ficou muito doente passava mal de quinze em quinze dias, com febre, empolava, não conseguia comer direito até que eu o levei no medico e foi suspenso tudo que continha leite e glúten. Ficou uns dois meses sem comer esses alimentos, até eu fazer os exames e descobrir que ele tinha intolerância a lactose. Depois que cortamos os alimentos que continham lactose ele melhorou, engordou, as perebas sumiram.

16. A criança puxava seu cabelo? Já mordeu alguém?

De vez em quando ele me morde. Ele já mordeu, já bateu na minha netinha, mas hoje ele já não bate nela, ele está crescendo e se desenvolvendo.

17. Como é a relação da criança com o pai?

E uma relação boa, é a pessoa que ele mais respeita. Ele fala uma vez e o Ezel obedece.

18. Como é a relação da senhora com a mãe da criança?

De boa: oi tudo bem, tudo e você. Ela o leva e traz, mas é só isso ela não entrar aqui, eu não procuro saber da vida dela.

19. Qual é a reação da criança quando não consegue o que deseja?

Chorar, comigo ele chora o que é normal de toda criança.

20. Quem leve e busca a criança no CMEI?

Quem leva geralmente sou eu ou o pai dele, mas buscar é o que estiver disponível na hora, eu o pai ou o avô dele.

21. Como é a relação da criança com as outras crianças do CMEI?

Como ele é criado sozinho tudo aqui e dele, ele não divide com ninguém. Conversei com o psicólogo um dia desses ele me disse que crianças na idade do Ezel são egocêntricas, tudo e meu então eu quero eu morde eu bato.

22. A criança demonstra afeto por familiares?

Sim, ele abraça beija e uma criança amorosa.

23. Você considera a criança tímida ou extrovertida?

Não ele não é tímido.

24. A criança se movimenta enquanto dorme?

Sim o sono dele e bastante inquieto, tem dias que coloco ele direitinho na cama quando chega lá ele está do outro lado, atravessado.

25. Já viu a criança brincando de imitar algo?

Sim de vez em quando, ele imita um desenho, ou até mesmo a gente. Algo que não contei para ninguém, quando o Ezel veio ficar com a gente, não podíamos ficar nus na frente dele, ou deixar ele nu porque ele vinha esfregar na gente, eu avalio que a mãe dele fez algo na frente dele e eu não sei até que ponto isso prejudicou ou vai prejudicar na vida dele.

26. Quais são os brinquedos que a criança mais gosta? A criança costuma quebrar os brinquedos?

Ele não tem brinquedo favorito é qualquer um. Brinca com um por muito tempo depois esquece. O defeito dele é não ter cuidado com os brinquedos, tanto é que eu não dou brinquedo caro para ele por que o valor que ele dá para o caro e o barato é o mesmo. É tudo desmanchado, faltando uma roda, guidom.

27. Como é a reação da criança ao ver a mãe?

Ele olha para ela, ela o chama de nenê da mamãe aí ele corre abraça ela. Na hora de voltar, tchau mamãe, beijo, ele vem comigo normal, atravessa o portão para dentro nunca falou na mãe dele.

ANEXO

Diário de campo da estagiária

No mesmo dia, fui para o berçário, onde escolhi uma criança específica para observar. Escolhi Pedro⁸, por mostrar características diferentes dos demais bebês. Pedro é mais velho que as outras crianças, tem 1 ano e 9 meses, só não está no maternal I pela diferença de um dia. Ele sempre é levado pela avó paterna, que comentou sobre o comportamento do mesmo: “Pedro foi rejeitado pelos pais, a mãe foi embora o deixando com meu filho, mas ele é caminhoneiro, então fica na minha responsabilidade” (DIÁRIO DE CAMPO, 05/04/2017, ROTINA DA CRIANÇA ESPECÍFICA).

Nota-se que ele é uma criança muito inteligente e saudável. O que mais me chamou a atenção em Pedro foi sua agressividade com os outros bebês. Por ser maior que os demais, ele usa sua força empurrando e jogando brinquedos nos outros, inclusive nas professoras. Percebi que os bebês são muito carentes, e Pedro fica com muito ciúme de quando os outros se aproximam das professoras. Mariana gosta muito de ficar no colo, e ao vê-la perto de mim, Pedro fica com ciúme e irritado, então começa a nos agredir com brinquedos, empurrões e cabeçadas. Para ele, é muito satisfatório, ele se diverte quando faz isso, acredito que para ele sua forma agressiva seja um jeito de brincar com as pessoas. Ao mesmo tempo ele é muito carinhoso e está sempre sorrindo.

Pedro atrapalha a programação das professoras, pois no momento em que todos são colocados no chão para brincar, ele bate nos outros bebês fazendo com que ele volte para o berço para ficar de castigo. A medida que ele é voltado para o berço, as professoras brigam com ele ensinando que não se pode bater, automaticamente ele balança a cabeça dizendo que entendeu, mas sempre repete as mesmas coisas. No café da manhã ou no almoço, ele se comporta bem, fica sentado, e só levanta quando a professora chama. Por ser o maior ele come toda a comida sem deixar restos, já não precisa de ajuda e é independente para se alimentar. A professora relata que está tentando há dois dias contar a história do Coelho da Páscoa, mas os bebês choram e não ficam quietos para escutar.

Percebi que as crianças têm medo de Pedro, ao brincar elas não se aproximam muito dele, e as professoras ficam sempre atentas para que nenhum bebê se machuque. Este ano está sendo o primeiro contato que Pedro tem com o CMEI, ele parece ter tido uma boa adaptação. Por ser maior, ele possui mais habilidades que

as demais crianças, já anda, fala palavras curtas, tem uma boa coordenação motora, sabe montar brinquedos e recolhe-los.

No momento de brincadeira, ele prefere brincar sozinho, não tem dificuldade de socializar, mas pelo fato dos outros serem bebê, ele não se relaciona na hora de brincar. Para demonstrar ou pedir algo, Pedro articula muito com as mãos ou a sobrancelha.

No CMEI não possui cadeiras adaptadas para as crianças menores, então as professoras utilizam as camisetas dos bebês para deixá-los firmes e presos nas cadeiras, pois não há um profissional para segurar cada um no colo no momento da alimentação. No primeiro momento assustei com aquela atitude, mas depois pude entender que era a única solução, pois o CMEI não estava em condições de comprar cadeiras para todos os bebês.

Após o almoço, as crianças ganham uma mamadeira. O sono logo vem, e dormem durante quase toda à tarde. Quando acordam recebem o banho e a troca de roupa, depois são colocadas no chão para brincar até que seus responsáveis cheguem. Quando a avó de Pedro chega, ele fica muito alegre, ele e as demais criança

